

Fundação de Economia e Estatística
Centro de Estudos Econômicos e Sociais (CEES)
Núcleo de Análise Setorial (NAS)

**ARRANJO PRODUTIVO LOCAL CALÇADISTA
SINOS-PARANHANA**

Pesquisadores

Maria Lucrécia Calandro

Sílvia Horst Campos

Bolsista FAPERGS

Pietro Gian Vicari de Oliveira

Porto Alegre, novembro de 2013



SECRETARIA DO PLANEJAMENTO, GESTÃO E PARTICIPAÇÃO CIDADÃ

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA Siegfried Emanuel Heuser

CONSELHO DE PLANEJAMENTO: Presidente: Adalmir A. Marquetti. Membros: André F. Nunes de Nunes, Angelino Gomes Soares Neto, Julio César Ferraza, Fernando Ferrari Filho, Ricardo Franzói e Leonardo Ely Schreiner.

CONSELHO CURADOR: Luciano Feltrin, Olavo Cesar Dias Monteiro e Gérson Péricles Tavares Doyll.

DIRETORIA

PRESIDENTE: ADALMIR ANTONIO MARQUETTI

DIRETOR TÉCNICO: ANDRÉ LUIS FORTI SCHERER

DIRETOR ADMINISTRATIVO: ROBERTO PEREIRA DA ROCHA

CENTROS

ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS: Renato Antonio Dal Maso

PESQUISA DE EMPREGO E DESEMPREGO: Dulce Helena Vergara

INFORMAÇÕES ESTATÍSTICAS: Juarez Meneghetti

INFORMÁTICA: Valter Helmuth Goldberg Junior

DOCUMENTAÇÃO E DIFUSÃO DE INFORMAÇÕES: Tânia Leopoldina P. Angst

RECURSOS: Maria Aparecida R. Forni

Como referenciar este trabalho:

CALANDRO, Maria Lucrecia; CAMPOS, Silvia Horst. **Arrranjo Produtivo Local calçadista Sinos-Paranhana**. Porto Alegre: FEE, 2013.

Introdução

A aglomeração coureiro-calçadista localizada nos Coredes Vale do Rio dos Sinos (Consinos) e Vale do Paranhana-Encosta de Serra (Coredepes) constitui-se uma das mais antigas e organizadas aglomeração produtiva do País, compreendendo fabricantes de calçados e artigos de couro bem como agentes institucionais que atuam em diferentes fases da cadeia produtiva. A atuação de inúmeras instituições e a existência de externalidades positivas geradas no relacionamento entre as empresas e entre estas e os demais agentes conferem ao aglomerado de empresas as características típicas de um APL.

A produção coureiro-calçadista teve início no Rio Grande do Sul no Vale do Rio dos Sinos e aos poucos foi se expandindo para outros municípios do Estado. Inicialmente voltada para o mercado local, a produção de calçados, durante o século XIX e XX, expandiu-se para o mercado regional e posteriormente para o nacional. A partir dos anos 1970, o mercado externo passou a ocupar uma posição de destaque nas vendas dos fabricantes dessa região, direcionadas especialmente para o mercado norte-americano, graças à combinação de excelência na fabricação e baixos custos de produção.

O estudo da aglomeração coureiro-calçadista faz parte do projeto de pesquisa “Estudo de aglomerações industriais e agroindustriais no Rio Grande do Sul”, cujo objetivo geral é estudar o potencial das aglomerações produtivas locais para promover o desenvolvimento sustentável do Rio Grande do Sul (RS). Na primeira etapa de identificação e seleção de aglomerações industriais e agroindustriais gaúchas foram selecionadas 12 aglomerações para a realização da segunda etapa, a qual compreende a avaliação de cada um desses aglomerados tendo como quadro referencial a literatura sobre Arranjos Produtivos Locais (APLs).

No presente relatório será analisado o APL calçadista Sinos-Paranhana, o qual compreende municípios pertencentes aos Coredes Consinos e Coredepes, abrangendo ainda a produção calçadista dos municípios de Picada Café e Nova Petrópolis, que pertencem ao Corede Hortênsias. Além desta introdução, o relatório apresenta 5 seções. Inicialmente, na seção 1, será examinada a localização e distribuição territorial da produção calçadista no estado do RS e realizada a identificação dos limites geográficos do APL; na seção 2 serão apresentadas as características socioeconômicas da região definida pelos Coredes Consinos e Coredepes, na qual se insere o aglomerado em sua essência; na seção 3 descrever-se-á a história da produção de calçados e artefatos de couro no Estado, examinando a formação social, a importância social e os primeiros mercados da aglomeração; a seção 4 destina-se à análise do APL calçadista Sinos-Paranhana, examinando-se sua configuração e sua dinâmica interna e externa; na seção 5 serão examinadas as relações entre os agentes e as instituições que o integram. Por fim, nas considerações finais serão elencadas algumas questões que poderão subsidiar as oficinas de trabalho.

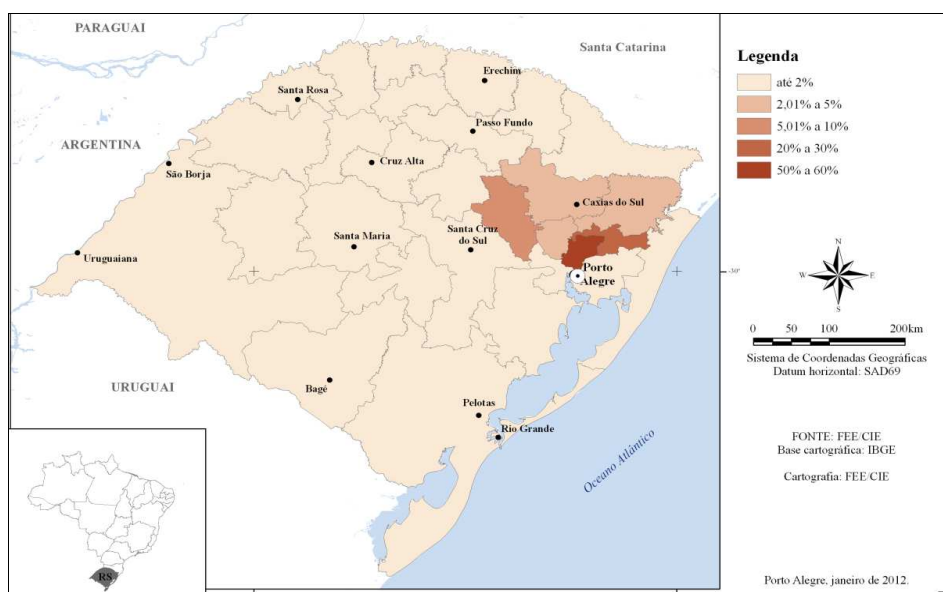
1 Localização e área de abrangência regional da aglomeração

Surgida, inicialmente, no Vale do Rio dos Sinos, a atividade de fabricação de calçados do Vale do Sinos encontra-se hoje presente em diversos municípios próximos à região original. A área ampliada, que constitui o pólo calçadista no Rio Grande do Sul, inclui ainda o Vale do Paranhana, o Vale do Caí, o Vale do Taquari e parte da região serrana do Estado. Mas o aglomerado de empresas do Vale do Rio dos Sinos, juntamente com o Vale do Paranhana, ainda é o maior e o mais importante e pode ser tomado como núcleo (como parâmetro para a caracterização e desempenho) dessa indústria no Rio Grande do Sul.

A distribuição espacial da produção do setor de couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados, por Coredes no Rio Grande do Sul em 2010, apresentada na Figura 1, ilustra a concentração da produção no Corede Vale do Rio dos Sinos, de forma prioritária (de 50% a 60% do VTI do RS), e no Corede Paranhana-Encosta da Serra, também de forma importante (de 20% a 30% do VTI do RS), ambos localizados na região nordeste do Estado. O Corede Vale do Taquari ocupa o terceiro lugar com 5% a 10% do VTI, enquanto os Coredes Vale do Caí, Serra e Hortênsias situam-se na faixa de 2% a 5% do VTI do RS também em 2010.

Figura 1

Distribuição espacial da produção das aglomerações de calçados no RS



FONTE: FEE-CIE.

NOTA: Distribuição calculada com base no Valor da Transformação Industrial da Pesquisa Industrial Anual 2010 – IBGE.

As origens da aglomeração calçadista remontam à instalação das primeiras colônias alemãs na região em 1824. À medida que os imigrantes avançavam ao longo do Rio dos Sinos e seus afluentes, levavam consigo o conhecimento do curtimento de couros e das técnicas de fabricação de arreios, selas e outros artigos de montaria, e também de calçados rudimentares com as aparas do couro. Assim, expandiram as colônias para as regiões depois conhecidas como Estância Velha, Sapiranga, Taquara, Rolante, Parobé e outras, ao longo do século XIX. Com o tempo, a produção de calçados avançou para praticamente todos os

municípios da região do Vale do Rio dos Sinos e, posteriormente, no século XX, para os Vales do Rio Caí, do Rio Taquari e de municípios da região da Serra e outras regiões do Estado.

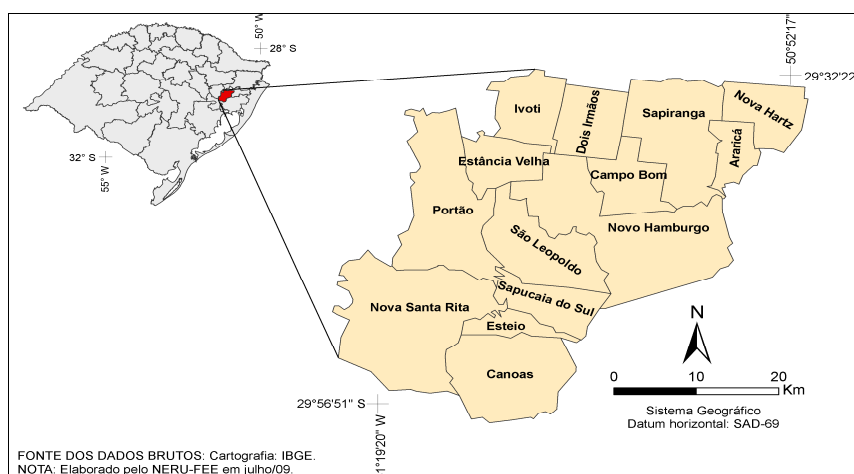
A ampliação da área produtora para além do Vale do Rio dos Sinos ocorreu a partir da internacionalização do mercado no final da década de 1960. Antes disso, as localidades onde se concentraram as atividades de fabricação de calçados e artigos de couro situavam-se junto ao Rio dos Sinos e de seus principais afluentes, incluindo-se entre eles o Rio Paranhana (ex Rio Santa Maria), que passa pelos municípios de Igrejinha, Três Coroas, Parobé e Taquara.

A criação dos Conselhos Regionais de Desenvolvimento, a partir de 1991, seguiu critérios políticos, institucionais, econômicos e sociais além de geográficos e na região do Vale existem hoje dois Coredes, o Corede do Vale do Rio dos Sinos (Consinos) e o Corede Paranhana-Encosta da Serra (Coredepes), sendo que este último incorporou alguns municípios da região da Encosta da Serra Inferior.

O Consinos reúne 14 municípios em uma área de 1.398,5 km² com uma população de 1.298.362 habitantes em 2011. Os municípios são: Araricá, Campo Bom, Canoas, Dois Irmãos, Estância Velha, Esteio, Ivoti, Nova Hartz, Nova Santa Rita, Novo Hamburgo, Portão, São Leopoldo, Sapiranga e Sapucaia do Sul (Figura 2).

Figura 2

Municípios do Corede Vale do Rio dos Sinos, RS

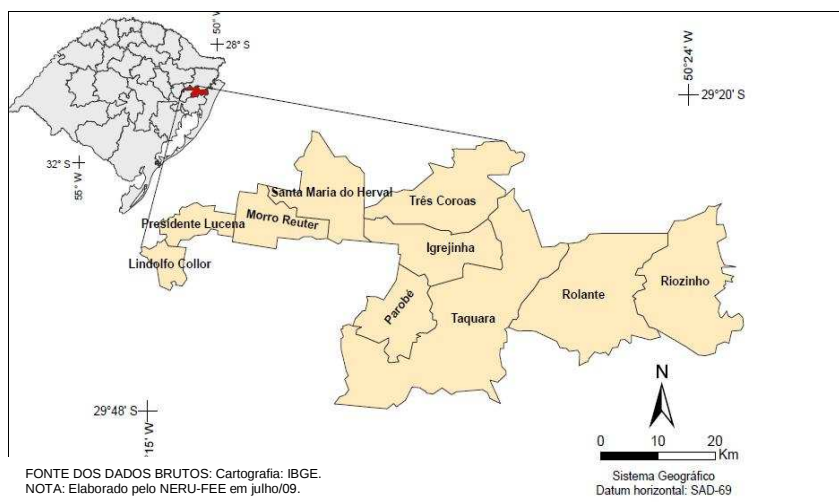


É necessário observar que nem todos os municípios possuem o mesmo grau de concentração de atividade calçadista. Em termos de número de estabelecimentos e de pessoal ocupado, sobressaem os municípios de Campo Bom, Dois Irmãos, Estância Velha, Nova Hartz, Novo Hamburgo e Sapiranga.

O Coredepes, por sua vez, região contígua ao Consinos, reúne 10 municípios em uma área de 1.734,65 km² com uma população de 206.355 habitantes em 2011 (Figura 3).

Figura 3

Municípios do Corede Paranhana-Encosta da Serra, RS



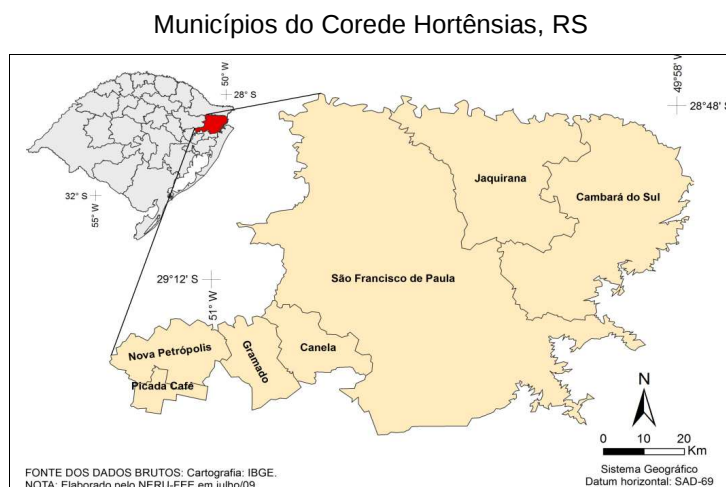
Este Corede é composto por duas microrregiões diferentes em termos de organização administrativa e geográfica, mas que possuem pontos importantes em comum. A primeira microrregião, a do Paranhana, é formada pelos municípios de Igrejinha, Parobé, Rolante, Riozinho, Taquara e Três Coroas e distribui-se ao longo das RS 239 e RS 115. A segunda, a da Encosta Inferior da Serra Nordeste (ou apenas Encosta da Serra), compõe-se pelos municípios de Lindolfo Collor, Presidente Lucena, Santa Maria do Herval e Morro Reuter, todos situados na área de influência da BR 116.

Em ambas microrregiões, a etnia predominante é a germânica, mas em termos econômicos desenvolveram-se atividades não complementares. Assim, apesar da atividade produtiva calçadista estar presente em todos os municípios do Coredepes, ela é muito mais expressiva nos municípios do Vale do Paranhana que abrigam um maior número de estabelecimentos e possuem um maior contingente de trabalhadores ocupados nas diversas atividades atinentes ao setor coureiro-calçadista. A exceção da microrregião Encosta da Serra é o município de Lindolfo Collor, que vem se destacando na produção de calçados.

Na zona de influência do Rio dos Sinos, deve-se incluir ainda alguns municípios pertencentes ao Corede Hortênsias, na região serrana, em função de sua ligação econômica e étnica com a região do entorno de Novo Hamburgo: Picada Café e Nova Petrópolis. Nos demais municípios desse Corede, que pode ser visualizado na Figura 4, a produção coureiro-calçadista mostrou-se pouco relevante na composição do produto da região. Gramado já foi um importante produtor de calçados, mas atualmente perdeu esta posição.

Também na região serrana, no Corede Serra, destacam-se os municípios de Farroupilha e Veranópolis, respectivamente com 2.529 e 874 empregos formais em 2010. Estes, contudo, não serão considerados, pois encontram-se fora da zona de influência do Rio dos Sinos.

Figura 4



Nas últimas décadas também tem sido observado um extravasamento dessas atividades para as regiões circunvizinhas à aglomeração Sinos-Paranhana. É notório o crescimento das regiões dos Coredes Vale do Caí e Vale do Taquari, além da Serra e da região das Hortênsias, conforme pode ser observado na Figura 1. No Corede Vale do Caí, composto por 19 municípios, a produção de couro, de artefatos de couro e de calçados não chega a ser expressiva, embora essa atividade esteja presente em todos os municípios, gerando um mínimo de 4 e um máximo de 727 empregos formais. O Corede como um todo possuía 5.005 ocupados em atividades ligadas ao setor coureiro calçadista em 2010, sendo que 71% estava vinculada à fabricação de calçados de couro, seguindo a tradição predominante do APL Sinos-Paranhana. Os municípios com maior número de empregos formais, Montenegro e São José do Hortêncio, respectivamente 727 e 723, registravam forte ocupação em atividades ligadas ao setor coureiro.

No Corede Vale do Taquari, a presença de estabelecimentos produtores de calçados é inexistente ou muito pequena na metade dos 39 municípios, mas também é expressiva particularmente em seis deles. Os principais municípios produtores que se encontram ao longo do Rio Taquari são: Arroio do Meio, Bom Retiro do Sul, Lajeado, Roca Sales, Santa Clara do Sul e Teutônia, todos com forte etnia originariamente alemã, somando cerca de 10.000 empregos formais, o que representa 75% da mão-de-obra ocupada na atividade coureiro-calçadista no Corede. O destaque é o município de Teutônia, com 3.424 empregos, concentrados na fabricação de calçados de material sintético, embora também possua pessoal ocupado na atividade curtumeira e na fabricação de calçados de couro.

Deve-se observar, contudo, que a fabricação de calçados no Rio Grande do Sul não se concentra apenas nas regiões acima indicadas. Em diversos municípios gaúchos existem estabelecimentos produtores de calçados ou de artigos de couro, formando ou não pequenos aglomerados. Em alguns casos, trata-se de empresas do Vale do Rio dos Sinos localizando plantas diretamente nos territórios onde há maior disponibilidade de mão de obra ou ainda favorecendo-se de incentivos fiscais e creditícios previstos nas políticas públicas em nível estadual e/ou municipal com vista ao desenvolvimento regional no Rio Grande do Sul.

Em suma, apesar dessa dispersão territorial da produção, a maioria dos municípios dos Coredes Consinos e Coredepes, concentram essa atividade produtiva, fato comprovado tanto pelo número de empresas e de empregados quanto pela participação dessa atividade na composição da produção da região. A esse conjunto de empresas soma-se ainda a produção dos municípios de Nova Petrópolis e Picada Café (Corede Hortênsias), estabelecendo assim os limites geográficos do APL coureiro calçadista Sinos-Paranhana.

2 Características socioeconômicas e produtivas da região

Neste capítulo do relatório serão examinados os principais aspectos sociodemográficos da região onde se localiza o APL calçadista Sinos-Paranhana e também a economia regional no que diz respeito às variáveis produção, emprego e exportação. Neste sentido, será entendido como região o espaço compreendido pelo Corede Vale do Rio dos Sinos (Consinos) e pelo Corede Paranhana-Encosta da Serra (Coredepes). O Corede Hortênsias, onde se situam os municípios de Picada Café e Nova Petrópolis, que também foram incluídos no APL em estudo, não será considerado, uma vez que não atua como um espaço regional de referência para o desenvolvimento dessa atividade.

2.1 Aspectos sociodemográficos

A população dos Coredes Vale do Rio dos Sinos (Consinos) e Paranhana-Encosta da Serra (Coredepes), considerados em conjunto, é essencialmente urbana, conforme pode ser observado na Tabela 1. Na verdade, no Corede Consinos, a parcela urbana da população é quase absoluta, mas no Coredepes, a população rural atinge 13,28%, acompanhando a média estadual. Ambas regiões são de forte atração populacional urbana, concentração não explicada pela crescimento na produção da indústria calçadista. Representando 14% do total da população do Estado, observa-se também que a taxa de crescimento da população de cada um dos Coredes e também da soma dos mesmos é maior do que a do total do Estado.

Tabela 1

População total, urbana e rural dos Coredes Consinos e Coredepes e total do Rio Grande do Sul – 2000/2010

Coredes e Estado	População 2010			Taxa crescimento média anual 2000-2010 (%)
	Total	% Urbana	% Rural	
Consinos (A)	1.290.491	97,90	2,10	0,78
Coredepes (B)	204.908	86,72	13,28	1,13
Soma dos Coredes (A+B)	1.495.399	96,37	3,63	0,83
Total do Estado	10.693.929	85,10	14,90	0,49

FONTE: FEEDADOS.

Os municípios mais populosos do Corede Vale do Rio dos Sinos são Canoas (3,03% da população do Estado), Novo Hamburgo (2,23%), São Leopoldo (2,00%) e Sapucaia do Sul (1,22%). Já no Corede Paranhana-Encosta da Serra, os municípios com maior população com relação ao total do Estado são Taquara (0,51%), Parobé (0,48%), Igrejinha (0,30%) e Três Coroas (0,22%).

Alguns indicadores relativos aos dois Coredes auxiliam a avaliação de suas potencialidades e condições sociais. De modo geral, os indicadores apresentados na Tabela 2 mostram que ambos os Coredes encontram-se em uma situação privilegiada frente à média estadual. A taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais é mais reduzida que a estadual (4,53%) que, por sua vez, é bem menor do que a nacional, que é de 9,7%.

Tabela 2

Indicadores sociais selecionados dos Coredes Consinos e Coredepes e total do Rio Grande do Sul – 2000/2010

Indicadores	Corede Vale do Rio dos Sinos	Corede Paranhana-Encosta da Serra	Rio Grande do Sul
Taxa de analfabetismo de pessoas com 15 anos ou mais (Var. %)	3,10%	4,31%	4,53%
Expectativa de vida ao nascer (2000)	71,76 anos	73,23 anos	72,05 anos
Coefficiente de mortalidade infantil por mil nascidos vivos	10,59 por mil	10,16 por mil	11,20 por mil

FONTE: FEEDADOS.

Informações sobre cursos profissionalizantes e de ensino superior retirados do Censo realizado pela Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul indicam que o Corede Vale do Rio dos Sinos é o segundo em importância quando se considera o número de estabelecimentos de ensino profissionalizante (51 unidades), mas divide o quarto lugar, com nove estabelecimentos de ensino superior com outras três regiões. O Corede Paranhana-Encosta da Serra, por sua vez, possui apenas seis escolas profissionalizantes e uma instituição de ensino de nível superior.

Quanto aos outros dois indicadores, observa-se que a expectativa de vida ao nascer, por sua vez, é próxima da média estadual e que a taxa de mortalidade infantil, um indicador sintético usado para aferir a qualidade da saúde, favorece ambos os Coredes em 2010 frente à média estadual de 11,20 óbitos por mil nascidos vivos.

Outro indicador relevante é o Índice de Desenvolvimento Socioeconômico (Idese), um indicador sintético que abrange um conjunto de indicadores sociais e econômicos classificados em quatro blocos temáticos: educação, renda, saneamento e domicílios, e saúde, além do índice geral que contempla as quatro dimensões. O objetivo desse índice, que varia de zero a um, é mensurar e acompanhar o nível de desenvolvimento do município, região e Estado, fornecendo subsídios para a formulação de políticas socioeconômicas dos governos municipais e estadual. Quanto mais próximo de um (1), melhores são as condições do território analisado (Tabela 3).

Tabela 3
Índice de Desenvolvimento Sócioeconômico (Idese), por bloco temático, dos Coredes Vale do Rio dos Sinos e Paranhana-Encosta da Serra, no RS – 2000 e 2009

Bloco temático	2000		2009	
	Corede	Rio Grande do Sul	Corede	Rio Grande do Sul
a) Corede Vale do Rio dos Sinos				
Educação	0,8363	0,8378	0,8691	0,8703
Renda	0,7992	0,7380	0,8858	0,8129
Saneamento e Domicílio	0,5534	0,5610	0,5595	0,5689
Saúde	0,8567	0,8525	0,8544	0,8503
Idese (geral)	0,7614	0,7473	0,7922	0,7756
b) Corede Paranhana-Encosta da Serra				
Educação	0,8300	0,8378	0,8613	0,8703
Renda	0,6507	0,7380	0,6835	0,8129
Saneamento e Domicílio	0,4083	0,5610	0,4147	0,5689
Saúde	0,8716	0,8525	0,8684	0,8503
Idese (geral)	0,6902	0,7473	0,7070	0,7756

FONTE: FEEDADOS.

A evolução do Idese do Consinos no período é positiva em três blocos: educação, saneamento e renda, com destaque para este último, que registrou uma elevação expressiva, contribuindo para a elevação do índice geral, no período analisado. Na comparação com o índice para o Rio Grande do Sul, novamente se destaca o bom desempenho do bloco educação na formação do Indicador do Consinos, compensando o desempenho menos favorável dos outros blocos e mantendo o índice geral desse Corede (0,7922) acima do indicador estadual (0,7756) em 2009. Este resultado coloca o Consinos numa posição privilegiada no *ranking* dos Coredes em 2009, ocupando o terceiro lugar, logo após o Corede Serra (1º lugar) e o Corede Metropolitano Delta do Jacuí (2º lugar). (FEEDADOS)

No Coredepes, à semelhança do que ocorreu no Consinos, apenas o bloco saúde apresentou variação negativa entre 2000 e 2009, e o maior aumento coube ao bloco renda. O Idese do Coredepes manteve no período analisado desempenho inferior à média estadual em todos os blocos, com exceção ao de Saúde, o que confere ao seu indicador geral de 0,7070 uma posição bem menos favorável, o 26º lugar entre todos os Coredes em 2009.

Além do fraco desempenho do bloco saúde no dois Coredes analisados, deve-se destacar nas informações da Tabela 3, a baixa pontuação do indicador de Saneamento e Domicílios em ambos os Coredes, o que retrata deficiência na estrutura urbana dessas regiões em termos de sistemas de esgotamento sanitário urbano.

2.2 A economia regional: produção, emprego e exportação

Os Coredes Vale do Rio dos Sinos e Paranhana-Encosta da Serra ocupam posições bastante diferentes no *ranking* dos Coredes do Rio Grande do Sul, em termos de participação no PIB estadual em 2010, conforme pode ser observado na Tabela 4. O Consinos é o segundo colocado, com uma contribuição de 14,94%, e o Coredepes, o 18º, respondendo por 1,41%.

Ambos os Coredes tiveram uma redução na participação relativa no PIB nominal estadual entre 2000 e 2010, o que pode ser parcialmente atribuído ao desempenho menos favorável do setor calçadista, especialmente nos últimos anos da década. Observe-se que a pequena recuperação mostrada pelo

Coredepes, entre 2008 e 2010, não permitiu retomar a sua participação de 2000, quando ocupava a 12^a posição no *ranking* dos Coredes¹.

Tabela 4

PIB nominal de 2010 e participação relativa dos Coredes no PIB do RS – 2000/2010					
Coredes	PIBpm 2010 (R\$ mil)	Participação% dos Coredes no PIB do Estado			
		2000	2004	2008	2010
Metropolitano Delta do Jacuí	68.019.248	28,81	27,06	27,36	26,94
Vale do Rio dos Sinos	37.718.631	16,02	15,68	15,33	14,94
Serra	27.683.225	10,37	10,45	10,32	10,96
Sul	16.624.109	5,99	5,94	6,64	6,58
Vale do Rio Pardo	9.964.239	3,73	4,21	3,74	3,95
Fronteira Oeste	9.736.260	3,41	3,63	3,95	3,86
Produção	8.607.218	4,43	4,14	3,41	3,41
Vale do Taquari	7.839.803	3,26	3,20	2,89	3,11
Central	6.545.835	4,01	3,22	2,71	2,59
Norte	4.881.902	1,76	1,83	1,94	1,93
Missões	4.627.893	1,58	1,66	1,98	1,83
Fronteira Noroeste	4.335.742	1,80	2,04	1,76	1,72
Alto Jacuí	4.211.927	1,59	1,70	1,84	1,67
Centro-Sul	4.133.928	1,65	1,94	1,63	1,64
Litoral	4.103.083	1,69	1,54	1,54	1,63
Noroeste Colonial	3.887.785	2,33	2,42	1,56	1,54
Vale do Caí	3.790.443	1,36	1,46	1,37	1,50
Paranhana-Encosta da Serra	3.556.886	1,70	1,35	1,22	1,41
Campanha	3.354.257	1,43	1,55	1,30	1,33
Nordeste	2.583.572	1,24	1,12	1,06	1,02
Médio Alto Uruguai	2.426.192	0,95	0,95	0,93	0,96
Campos de Cima da Serra	2.277.399	0,00	0,00	0,79	0,90
Jacuí-Centro	2.217.438	0,00	0,93	0,92	0,88
Hortênsias	2.141.044	0,91	1,35	0,81	0,85
Celeiro	2.090.523	0,00	0,00	0,85	0,83
Rio da Várzea	2.056.957	0,00	0,00	0,84	0,81
Vale do Jaguari	1.587.890	0,00	0,00	0,64	0,63
Alto da Serra do Botucaraí	1.479.168	0,00	0,63	0,65	0,59
Total do Rio Grande do Sul	252.482.597	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: FEEDADOS.

(1) Instituído em 2007. (2) Instituído em 2004.

Quanto à participação dos municípios no PIB nominal dos Coredes Consinos e Coredepes, ao longo da década de 2000 (Tabelas 5 e 6), observa-se comportamentos bastante diferenciados. No caso do Consinos (Tabela 5), destacam-se os municípios de Canoas, Novo Hamburgo e São Leopoldo, que juntos respondem por 69,11% do PIB a preços de mercado em 2010, um percentual que representa um acréscimo de cinco pontos percentuais sobre os 64,50% obtidos no ano de 2000. Esse aumento de participação é explicado pela relativa manutenção da participação de São Leopoldo e pela evolução positiva do município de Canoas que, com sua estrutura industrial diversificada, mais do que compensou a queda de representatividade de Novo Hamburgo no período.

De modo a melhor avaliar a evolução do PIBpm nos municípios do Consinos, que concentra a atividade coureiro-calçadista, alcançando índices altamente representativos em alguns casos, foram

¹ Observe-se que possivelmente o lugar ocupado pelo referido Corede não teria sido muito diferente se já existissem os 28 Coredes em 2000, tendo em vista a localização daqueles que foram criados em 2004 e 2007.

separados os municípios de Canoas, Esteio, Nova Santa Rita e Sapucaia do Sul, onde esta atividade é pouco expressiva em termos de geração do produto industrial. Fica assim muito claro o comportamento relativamente oposto registrado pelos dois blocos de municípios ao longo da década de 2000, apenas levemente revertido nos últimos anos do período. É notório que houve perdas de participação no PIBpm nos municípios do Consinos, nos quais se observa a predominância da produção coureiro-calçadista na matriz produtiva industrial, em oposição aos ganhos de participação naqueles em que outros setores são mais importantes.

No que se refere ao Coredepes (Tabela 6), as principais participações por ordem de grandeza em 2010, são de Igrejinha, Taquara, Parobé e Três Coroas, que juntas respondem por 79,37% do PIB nominal desse Corede. Esses quatro municípios também já eram os principais em 2000, quando representavam 80,83%, mas com uma alteração na posição dos mesmos: Parobé ocupava a primeira posição e Igrejinha a terceira.

Tabela 5

PIB nominal de 2010 e participação relativa dos municípios no total do Corede Vale do Rio dos Sinos do RS – 2000/2010

Municípios	PIBpm 2010 (R\$ mil)	Participação% dos municípios no PIB do Consinos			
		2000	2004	2008	2010
Novo Hamburgo	5.395.053	16,83	17,26	14,18	14,30
São Leopoldo	4.125.575	10,73	9,88	9,82	10,94
Campo Bom	1.562.191	5,74	5,07	3,82	4,14
Sapiranga	1.375.090	4,19	3,72	3,22	3,65
Estância Velha	822.326	2,42	2,27	1,92	2,18
Portão	728.835	2,57	2,89	1,77	1,93
Dois Irmãos	723.379	2,19	2,15	1,62	1,92
Ivoti	455.246	2,11	1,59	1,17	1,21
Nova Hartz	435.340	1,17	0,90	0,91	1,15
Araricá	70.344	0,14	0,15	0,15	0,19
Sub-total	15.693.379	48,09	45,88	38,58	41,61
Canoas	16.547.966	36,94	40,13	48,33	43,87
Esteio	2.572.026	7,27	6,54	6,77	6,82
Sapucaia do Sul	2.316.303	6,70	6,58	5,23	6,14
Nova Santa Rita	588.957	0,99	0,88	1,08	1,56
Total do Consinos	37.718.631	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: FEEDADOS.

Tabela 6

PIB nominal de 2010 e participação relativa dos municípios no total do Corede Paranhana-Encosta da Serra no RS – 2000/2010

Municípios	PIBpm 2010 (R\$ mil)	Participação% dos municípios no PIB do Coderepes			
		2000	2004	2008	2010
Igrejinha	877.190	18,26	20,34	24,26	24,66
Taquara	744.861	18,99	20,13	21,05	20,94
Parobé	656.365	29,73	22,76	19,01	18,45
Três Coroas	544.987	13,65	14,52	13,83	15,32
Rolante	269.631	7,63	6,96	7,81	7,58
Sta Maria do Herval	140.527	2,78	3,76	3,58	3,95
Lindolfo Collor	121.679	3,54	4,96	4,43	3,42
Morro Reuter	91.989	2,71	3,24	2,77	2,59
Riozinho	65.870	1,74	2,08	1,99	1,85
Presidente Lucena	43.786	0,98	1,24	1,26	1,23
Total do Coredepes	3.556.885	100,00	100,00	100,00	100,00

FONTE: FEEDADOS.

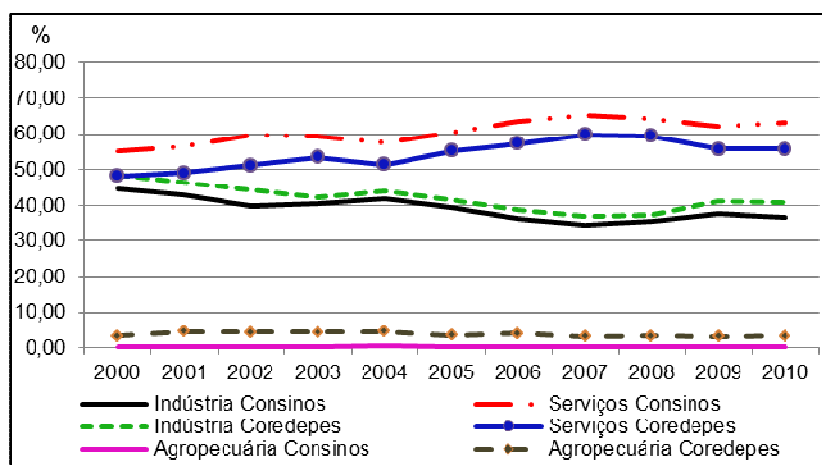
As Tabelas 5 e 6 permitiram visualizar as perdas da aglomeração calçadista nos Coredes Consinos e Coredepes. Nos municípios onde a estrutura industrial é concentrada nessa atividade, e onde se encontra o maior número de trabalhadores e o maior número de estabelecimentos da cadeia produtiva do calçado, que aconteceram as maiores perdas. Tem-se nessa situação: Campo Bom, Dois Irmãos, Estância Velha, Ivoti, Nova Hartz, Novo Hamburgo, Sapiranga e Parobé.

Dois Irmãos e Parobé são frequentemente citados como exemplos dessa situação. Fortemente dependentes da atividade calçadista, esses municípios enfrentaram graves problemas em decorrência da crise no setor e seus componentes, que resultaram em expressivas perdas de participação no PIB nominal do Corede e também no PIB do Rio Grande do Sul. Observa-se, contudo, que em Dois Irmãos, investimentos na diversificação nos últimos anos, particularmente no setor moveleiro, sinalizam uma provável recuperação.

A década de 2000 marcou a perda da representatividade da indústria no PIB em favor do setor serviços em ambos os Coredes, replicando neles um comportamento que já vinha acontecendo em nível da economia estadual. No Consinos, a indústria começa com 44,5% em 2000 e chega em 2010 com 36,6%, enquanto o setor serviços eleva sua participação de 55,3% para 63,1%. A participação da agropecuária é inexpressiva, não alcançando 1% do PIB. No Coredepes, a estrutura setorial é semelhante em grandes linhas, mas a agropecuária é mais representativa, 3,8% em média no período. Indústria e serviços iniciam a década de 2000 com o mesmo percentual de 48%, mas evoluem de modo bastante diferente, de tal forma que, em 2010, o setor industrial representa 40,9% e o setor serviços alcança 55,8%.

A Figura 5 mostra a evolução da estrutura setorial do PIB em ambos Coredes de 2000 a 2010. Fica claro que o aprofundamento das alterações ocorre a partir de 2004, quando inicia o movimento de valorização do real e se instala a crise do setor calçadista com reflexos abrangentes sobre o conjunto de municípios que compõem a aglomeração produtiva do calçado nessa região. No final da década, contudo, já se observam sinais de recuperação do PIB industrial, seja pela recuperação da economia como um todo e pelo setor coureiro-calçadista em particular, seja pelos resultados das tentativas de diversificação da estrutura industrial realizadas por diversos municípios da região, com vista a reduzir sua dependência econômica de uma única atividade.

Figura 5
Estrutura setorial do PIB nos Coredes Vale do Rio dos Sinos e
Paranhana-Encosta da Serra, RS - 2000-10



FONTE: FEEDADOS.

A análise das participações no Valor Adicionado Bruto (VAB) para os municípios mostra situações bastante diferenciadas. De imediato, observa-se uma concentração da atividade em poucos municípios, uma constatação válida para ambos os Coredes. No caso do setor serviços, no Consinos destacam-se Canoas, Novo Hamburgo, São Leopoldo e Esteio, que juntos respondem por cerca de 75% do VAB total do setor (CONSINOS, 2010). No caso do Coredepes, quatro municípios somam 81% do VAB do setor serviços, todos da microrregião do Paranhana: Taquara, Parobé, Igrejinha e Três Coroas. Chama a atenção, contudo, que a participação desse setor caiu bastante em Parobé ao longo da década, sugerindo uma integração econômica entre a produção industrial e a prestação de serviços e comércio nessa localidade (COREDEPES, 2010).

A distribuição do VAB industrial não é muito diferente, conforme pode ser observado na Tabela 7. Os municípios mais representativos em ambos os Coredes são praticamente os mesmos, com alterações restritas à quarta posição, de 2000 para 2010. No Consinos, sobressaem Canoas (com mais de 40%, assim como no VAB do setor terciário), Novo Hamburgo, São Leopoldo e Sapucaia do Sul, somando 67% do VAB industrial em 2000 e 74% em 2010. Ao mesmo tempo, houve uma alteração expressiva nas posições ocupadas, em função de ganhos e/ou perdas de participação ocorridas ao longo dos anos 2000. Canoas e São Leopoldo, por exemplo, ampliaram sua participação em, respectivamente, 6,2 e 3,3 pontos percentuais, enquanto Novo Hamburgo recuou 3,3 pontos percentuais no mesmo período.

No Coredepes destacam-se Parobé, Igrejinha, Três Coroas e Taquara, mesmos municípios apontados na análise do VAB serviços. Ressalte-se, no entanto, a inversão das posições de Igrejinha e Parobé; o primeiro município detinha 19,69% do VAB industrial, em 2000 e eleva a participação para 32,41%, em 2010. O contrário ocorre com Parobé que reduz a participação de 35,26% para 17,07% no período analisado.

Tabela 7

Participação dos municípios no VAB industrial dos Coredes Vale do Rio dos Sinos e Paranhana-Encosta da Serra, RS - 2000 e 2010

(%)					
Município	Part. no VAB industrial do Consinos		Município	Part. no VAB industrial do Coredepes	
	2000	2010		2000	2010
Araricá	0,15	0,20	Igrejinha	19,69	32,41
Campo Bom	6,96	4,90	Lindolfo Collor	4,95	5,02
Canoas	38,65	44,82	Morro Reuter	2,80	2,23
Dois Irmãos	3,00	2,25	Parobé	35,26	17,07
Estância Velha	2,97	2,57	Presidente Lucena	0,80	1,18
Esteio	4,81	4,12	Riozinho	1,69	1,90
Ivoti	2,68	1,29	Rolante	7,06	6,24
Nova Hartz	1,70	1,81	Santa Maria do Herval	2,88	3,31
Nova Santa Rita	1,15	1,29	Taquara	9,57	11,01
Novo Hamburgo	14,14	10,80	Três Coroas	15,30	19,63
Portão	3,71	2,73			
São Leopoldo	7,08	10,35			
Sapiranga	5,03	4,48			
Sapucaia do Sul	7,97	8,37			
Total do Corede	100,00	100,00	Total do Corede	100,00	100,00

FONTE: FEEDADOS.

Como já foi comentado anteriormente, a crise que se abateu sobre o setor calçadista provocou redução de atividades de diversas empresas de calçados e componentes em vários municípios, deslocando pessoas empregadas em atividades industriais para a prestação de serviços, muitas vezes abrindo seu próprio negócio ou uma terceirizada para a empresa principal. Em Novo Hamburgo, além de um setor serviços forte, tem-se uma indústria metalúrgica forte, o que vem compensando parcialmente o desempenho desfavorável do setor calçadista dos últimos anos. Canoas, por sua vez, sobressai-se pelas indústrias mecânica, metalúrgica, minerais não metálicos, borracha e elétrico e de comunicações, uma diversificação que explica parcialmente porque o município tem apresentado oscilações menores frente às questões cambiais e de exportação.

Enquanto Canoas, São Leopoldo e Sapucaia do Sul ampliaram a sua importância relativa no VAB industrial, alguns municípios tiveram redução entre 25 e 50% na sua contribuição, destacando-se entre eles: Campo Bom, Sapiranga, Ivoti, Dois Irmãos e Portão, todos eles, assim como Novo Hamburgo, municípios onde se localiza o APL calçadista.

No caso do Coredepes, também tem-se quatro municípios que sozinhos respondem por 80% do VAB industrial: Igrejinha, Três Coroas, Parobé e Taquara. O fato interessante a comentar é a expressiva perda de representatividade de Parobé que decresceu 50% na década, comportamento que pode ser atribuído à crise que se abateu sobre o setor coureiro-calçadista, dominante no município². O Corede como um todo vem encolhendo sua importância relativa no PIB do Estado (Tabela 4), em grande parte em razão da elevada participação da indústria coureiro calçadista, em especial a fabricação de calçados, conforme

² Note-se que esta perda deve ter se acentuado ainda mais após o fechamento da unidade da Azaléia em Parobé em 2011 quando foram demitidos 800 empregados.

pode ser comprovado pelo Valor das Saídas³ da indústria de transformação fornecido pela Secretaria da Fazenda do Rio Grande do Sul. Importante salientar também que o Corede responde por 24,06% do total do Valor das Saídas da atividade no Estado (Tabela 8). É claro, pois, que qualquer problema com essa atividade impacta diretamente sobre o desempenho global da economia do Corede, embora os impactos sejam diferenciados em nível municipal.

Tabela 8
Participação das classes e subclasses no Valor das Saídas do Corede Paranhana-Encosta da Serra,
no total do Estado e no total da atividade no RS - 2010

Classes e Subclasses da CNAE 2.0	Part. % no Valor das Saídas		
	Do Corede	Do Estado	Da atividade no Estado
Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	74,26	6,92	24,06
Fabricação de calçados	56,79	4,58	27,77
Curtimento e outras preparações de couro	6,70	1,50	10,04
Fabricação de partes para calçados, de qualquer material	4,37	0,37	26,51
Bebidas	10,27	2,52	9,14
Produtos alimentícios	5,52	18,59	0,66
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	2,04	5,27	0,86
Produtos de borracha e de material plástico	1,82	3,76	1,08
Produtos têxteis	1,78	0,73	5,45
Demais Atividades	4,32	42,65	0,23
Total do Corede	100,00	80,44	2,24

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Secretaria da Fazenda do RS.

A situação se apresenta de modo diferente no Corede Vale do Rio dos Sinos, que é menos atingido pelo fraco desempenho da crise do setor coureiro-calçadista, embora também haja municípios que foram fortemente impactados pela ela. O Consinos possui uma estrutura mais diversificada, como pode ser observado na Tabela 9.

Tabela 9
Participação das classes e subclasses no Valor das Saídas do Corede Vale do Rio dos Sinos, no total do
Estado e no total da atividade no RS - 2010

Classes e Subclasses da CNAE 2.0	Part. % no Valor das Saídas		
	Do Corede	Do Estado	Da atividade do Estado
Coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis	39,62	14,56	62,94
Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	15,49	6,92	51,82
Fabricação de calçados	10,01	4,58	50,53
Curtimento e outras preparações de couro	3,63	1,50	56,19
Máquinas e equipamentos	7,29	5,67	29,73
Produtos químicos	5,51	9,10	14,02
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	4,98	5,27	21,85
Produtos alimentícios	3,95	18,59	4,91
Produtos de borracha e de material plástico	3,85	3,76	23,69
Veículos automotores, reboques e carrocerias	2,66	11,80	5,21
Metalurgia	2,63	3,00	20,31
Bebidas	2,35	2,52	21,56
Produtos de minerais não-metálicos	1,81	1,02	41,10
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	1,57	1,03	35,20
Produtos têxteis	1,33	0,73	42,00
Celulose, papel e produtos de papel	1,19	1,06	25,97
Demais Atividades	5,78	10,13	13,19
Total do Corede	100,00	95,14	23,13

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Secretaria da Fazenda do RS.

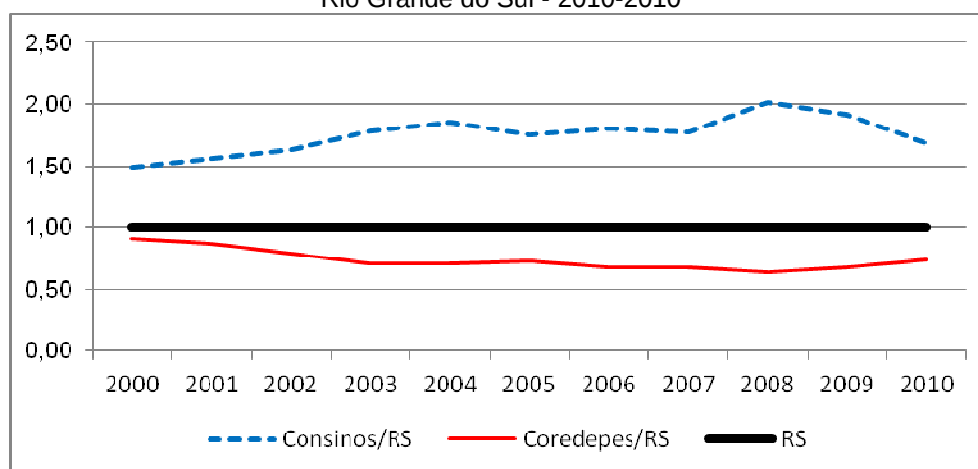
³ O Valor das Saídas é informado anualmente para fins fiscais pelas empresas na Guia de Apuração de Informação e Apuração do ICMS à Secretaria da Fazenda Estadual. Trata-se de um registro fiscal de valor da produção comercializada, não deduzidos os insumos. Foi utilizado aqui como uma *proxy* do Valor da Produção dessa indústria, haja vista não haver disponibilidade de outro dado em valor monetário em nível municipal disponível para utilização no momento.

A indústria coureiro-calçadista é importante, mas não é a principal. Responde por 15,49% do Valor das Saídas da Indústria do Corede, embora possua uma elevada representatividade no total da atividade no Estado (51,82%). Outras atividades como máquinas e equipamentos fornecem uma contribuição importante para o resultado global, refletindo em grande parte a produção e venda de máquinas específicas para couros e calçados, localizadas em Novo Hamburgo e Campo Bom. Produtos de borracha e material plástico também tem sua produção bastante direcionada para o setor calçadista. Em suma, somando as participações do Consinos e do Coredepes, tem-se que nessa região se gera 75,88% do Valor das Saídas da atividade Couros, artefatos de couro, artigos para viagem e calçados, sendo que a participação da fabricação de calçados propriamente dita é de 78% e a de curtimento e outras preparações de couro, de 66%. Trata-se pois de uma aglomeração produtiva robusta, como será visto na seção 4 deste relatório. A atividade mais importante da matriz industrial é a fabricação de coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis, produzidos principalmente na Refinaria Alberto Pasqualini em Canoas, o que contribui em grande medida para o elevado PIB nominal desse município, como foi visto na Tabela 5.

Outro indicador, o PIB nominal *per capita*, auxilia na análise comparativa da geração de riquezas de ambos Coredes. Ao longo da década de 2000, conforme pode ser observado na Figura 6, o PIB nominal *per capita* do Consinos manteve-se sempre superior à média estadual, ao contrário do ocorrido no Coredepes, que nunca alcançou esse patamar no período. As trajetórias não foram lineares, os pontos de máximo afastamento da média aconteceram em 2008, ano de pico da crise econômica. Os dois últimos anos da série sinalizam um retorno à situação do início da série.

Essa trajetória diferenciada dos dois Coredes trouxe uma modificação no *ranking* do PIB *per capita* de 2000 e de 2010 no caso do Coredepes. O fato de afastar-se da média estadual ao longo dos anos 2000 fez com que esse Corede perdesse posições, passando da sétima colocação, em 2000, para a 18ª, em 2010. Já o Consinos manteve-se em segundo lugar, precedido apenas pelo Corede Serra e seguido do Corede Metropolitano Delta do Jacuí.

Figura 6
Razão entre PIB *per capita* do Consinos e do Coredepes e PIB *per capita* do Rio Grande do Sul - 2010-2010



FONTE: FEEDADOS.

A análise da evolução do PIB nominal *per capita* em nível municipal mostra situações diferenciadas em ambos Coredes (Tabela 10). No Consinos, o maior valor, em 2010, foi encontrado em Canoas (R\$ 51.070), seguido por Esteio (R\$ 31.884), sendo que apenas estes dois municípios apresentaram um PIB *per capita* superior à média do Corede de R\$ 29.219. Comparando-se os demais municípios, além desses dois, Dois Irmãos, Campo Bom, Nova Santa Rita e Nova Hartz também auferiram um produto por habitante acima da média do Rio Grande do Sul (R\$ 23.606). Note-se, porém, que as posições em 2010 são bem diferentes das obtidas em 2000. Naquele ano, o PIB *per capita* médio do Corede foi superado por seis municípios e a média estadual, por dez. Além disso, o maior valor do produto por habitante era Ivoti, seguido de Canoas e Campo Bom.

No caso do Coredepes, cinco municípios superaram a média do Corede em 2010, mas apenas Igrejinha, que obteve o maior valor do produto por habitante (R\$ 27.704), conseguiu superar a média do Estado (R\$ 23.606). Lindolfo Collor, que havia ficado na primeira posição em 2000 passou a ocupar a segunda posição em 2010. A maior alteração no *ranking* do PIB *per capita* de 2000 a 2010 aconteceu no município de Parobé, refletindo a já comentada perda de participação no produto industrial em decorrência do desaquecimento da produção calçadista no município.

Tabela 10

PIB *per capita* dos municípios dos Coredes Consinos e Coredepes,
dos Coredes e do RS – 2000 e 2010

(R\$/hab.)					
Município	PIB <i>per capita</i> no Consinos		Município	PIB <i>per capita</i> no Coredepes	
	2000	2010		2000	2010
Canoas	15.694	51.070	Igrejinha	8.933	27.704
Esteio	11.812	31.884	Lindolfo Collor	10.450	23.270
Dois Irmãos	12.487	26.236	Sta Maria do Herval	6.211	23.216
Campo Bom	13.836	26.001	Três Coroas	9.208	22.846
Nova Santa Rita	8.023	25.938	Presidente Lucena	6.260	17.620
Nova Hartz	9.959	23.729	Morro Reuter	7.149	16.195
Portão	13.495	23.601	Riozinho	5.626	15.223
Ivoti	17.767	22.903	Rolante	5.590	13.832
Novo Hamburgo	9.262	22.569	Taquara	4.718	13.628
Estância Velha	8.927	19.308	Parobé	8.667	12.750
São Leopoldo	7.202	19.259	Total do Corede	7.289	17.357
Sapiranga	7.844	18.330			
Sapucaia do Sul	7.087	17.683			
Araricá	4.584	14.450			
Total do Corede	10.871	29.219			
Rio Grande do Sul	7.978	23.606	Rio Grande do Sul	7.978	23.606

FONTE: FEEDADOS.

NOTA: Classificação com base em 2010.

Uma variável relevante a considerar é do emprego. No Rio Grande do Sul, em 2010, existiam 692.814 empregos formais na indústria de transformação, sendo que 20,05% dos mesmos encontravam-se ocupados na atividade Couros e fabricação de artefatos de couro e calçados. Tal dado revela uma concentração relativamente elevada da ocupação, sendo que, em alguns Coredes, essa atividade é predominante na estrutura industrial local. A análise da estrutura do emprego por Corede revela uma concentração adicional, ou seja, dos 138.574 empregos formais ocupados nessa atividade, 94.529

encontram-se em dois Coredes, o Consinos e o Coredepes, representando 68,22% do total. Assim, a aglomeração produtiva de calçados do Sinos-Paranhana também se localiza na região que concentra o maior número de empregos do setor no Rio Grande do Sul. E mais, tal como foi comentado na primeira seção desse relatório, a produção coureiro-calçadista encontra-se localizada principalmente em uma área relativamente contígua, formada pelos Coredes Vale do Rio dos Sinos, Paranhana-Encosta da Serra, Hortênsias, Vale do Caí, Vale do Taquari e Serra, com intensidade e relevâncias distintas, é claro.

Tabela 11
Emprego formal na atividade coureiro-calçadista e no total da indústria de transformação, por Corede, no Rio Grande do Sul - 2010

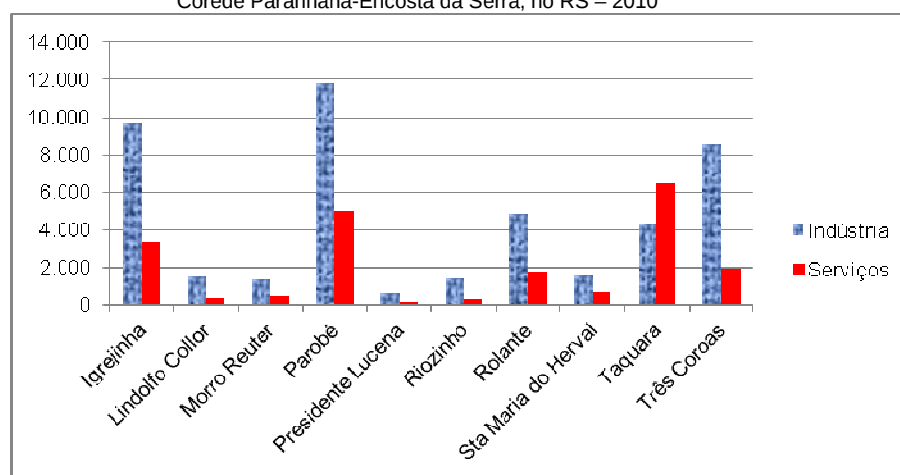
Coredes	Couros, artefatos de couro e calçados (A)	Estrutura do emprego por Corede	Indústria de transformação (B)	Part.% do emprego do Corede no total da atividade (A/B)
Vale do Rio dos Sinos	57.599	41,57	140.651	40,95
Paranhana - Encosta da Serra	36.930	26,65	44.193	83,57
Vale do Taquari	13.467	9,72	41.086	32,78
Serra	5.383	3,88	158.301	3,40
Vale do Caí	5.244	3,78	22.653	23,15
Hortênsias	4.680	3,38	14.172	33,02
Subtotal	123.303	88,98	421.056	29,28
Demais Coredes	15.271	11,02	271.758	5,62
Total do Coredes	138.574	100,00	692.814	20,05

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS-MTE (2010).

As Figuras 7 e 8 apresentam os empregos formais por setor de atividade segundo os municípios dos dois Coredes em questão. A análise mostra que todos os municípios do Coredepes, com exceção de Taquara, possuem mais empregos formais no setor industrial do que no setor serviços. Já no Consinos, a situação é diferente, os municípios maiores, como Canoas, Novo Hamburgo e São Leopoldo, possuem mais empregos no setor de serviços. E vários outros menores estão na mesma situação.

Figura 7

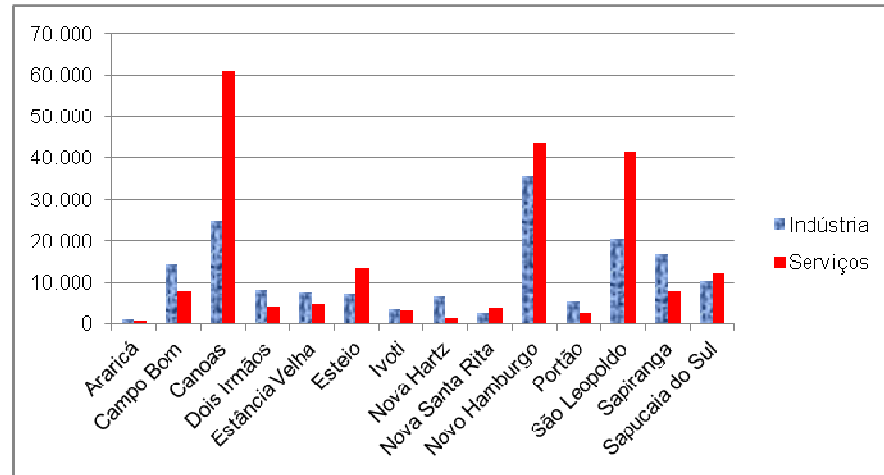
Emprego formal, na indústria e serviços, por município, no Corede Paranhana-Encosta da Serra, no RS – 2010



FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS-MTE.

Figura 8

Emprego formal, na indústria e serviços, por município, no Corede Vale do Rio dos Sinos, no RS – 2010



FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS-MTE.

Já no que se refere ao número de estabelecimentos, de acordo com as informações da RAIS/MTE, o conjunto dos dois Coredes possui 32.367 empresas. A grande maioria está concentrada nos setores de comércio e serviços, cerca de 23.150 empresas, que representa 71,5% do total de empresas e 7.225 empresas pertencem à indústria, o que representa 22,3%. Já a maioria das empresas, cerca de 98,5% correspondendo a 31.881 unidades, são de micro e pequeno porte.

3 História, formação social, importância social e mercados iniciais da aglomeração

A produção de calçados no Vale do Rio dos Sinos teve início com a chegada dos imigrantes alemães em 1824, que se instalaram na localidade de São Leopoldo, na então Província de São Pedro do Rio Grande do Sul. O desenvolvimento de atividades artesanais de transformação do couro em produtos de uso final, como selas e arreios de montaria e calçados rudimentares, surgiu das iniciativas individuais ou familiares dos imigrantes de aproveitar uma matéria-prima local (atividade de criação de gado e produção de charque) para fabricar um produto que tinha demanda e que exigia pouca tecnologia. A presença de curtidores, sapateiros e outros artesãos ligados ao trabalho em couro entre os imigrantes foi decisiva para o desenvolvimento calçadista artesanal na região (COSTA, 2002) nascido do aproveitamento das sobras do couro, numa produção inicialmente em base caseira e de comercialização local. Em torno de 1860, já existiam no Vale dos Sinos cerca de 30 curtumes, conforme Lagemann (1986), e seu desenvolvimento foi estimulado pela Guerra do Paraguai (1864 a 1870), que demandava grandes quantidades de arreios de montaria.

De modo geral, no século XIX e até a metade do século XX, a produção de calçados direcionou-se para o mercado interno, expandindo-se do mercado local para o regional e depois para o nacional, atrelando

o seu dinamismo ao crescimento da renda nacional e ao aumento da população. Nas últimas décadas do século XIX, já se evidenciava a ampliação de mercado proveniente da formação de núcleos comerciais decorrente do adensamento populacional de Novo Hamburgo e localidades no seu entorno, acompanhado do interesse e a ação efetiva de políticas governamentais, que favoreciam o setor direta e indiretamente nas áreas de infraestrutura de transporte⁴ e na política fiscal⁵. O estágio essencialmente artesanal da produção de calçados é superado no final do século, quando o trabalho individual abre caminho para a especialização e para a divisão do trabalho e com esta, para a fundação de fábricas específicas de calçados (LAGEMANN, 1986). Começam a surgir unidades produtoras maiores, mecanizadas, com menor conteúdo artesanal no processo produtivo, que se transformaram nos maiores clientes dos curtumes em substituição aos fabricantes de lombinhos e artigos de montaria. A primeira fábrica de calçados surgiu em 1888. Localizava-se no Vale do Sinos, e seu proprietário também possuía um curtume e uma fábrica de arreios.

A implantação de estabelecimentos maiores, juntamente com a introdução de máquinas que permitiram aumentos expressivos na escala de produção, foi marcante nas primeiras três décadas do século XX. De modo geral, contudo, predominavam unidades produtivas de reduzida dimensão, empregando cinco operários em média, mostrando baixo índice de acumulação de capital e ainda um elevado caráter artesanal na fabricação de calçados (COSTA, 2002).

A intensificação do interesse do governo estadual pela região produtora de calçados, que se manifestou através de novos investimentos na infraestrutura de transportes, da isenção do calçado de alíquotas estaduais a partir de 1908 e da criação de fontes energéticas como a instalação de uma usina hidrelétrica na localidade de Picada 48 em 1912⁶, também contribuiu para o desenvolvimento do setor calçadista. Necessário destacar aqui, a criação da Associação Comercial e Industrial de Novo Hamburgo (ACI/NH), em 1920, entidade representativa do setor calçadista, que formou grupos de pressão para atuar junto às instituições governamentais em prol das demandas do setor coureiro-calçadista (ORSSATTO, 1995).

O desenvolvimento da indústria calçadista no Vale do Rio dos Sinos, especialmente em Novo Hamburgo, parece ter sido notável na década de 1920. Conforme Petry (1959 citado por LAGEMANN, 1986, p. 75), entre 1921 e 1929, a produção de calçados para crianças foi multiplicada por dez e a de calçados para adultos por cinco (Tabela 12). A implantação de uma nova usina hidrelétrica, na região de Novo Hamburgo em 1927, contribuiu para a proliferação de fábricas e para o crescimento da produção. As vendas de calçados direcionavam-se principalmente para o mercado nacional, em especial para Rio de Janeiro e São Paulo, mas representavam ainda um percentual bastante reduzido do total das vendas do Estado, atingindo a faixa de 6% a 7% apenas na década de 1940 (LAGEMANN, 1986).

⁴ Em 1876 foi estendido a Novo Hamburgo o ramal ferroviário que ligava Porto Alegre a São Leopoldo. Com isso Novo Hamburgo tornou-se o pólo comercial da região atraindo trabalhadores e comerciantes.

⁵ O imposto de exportação (vendas para os demais estados brasileiros e para o exterior), principal fonte de receita tributária estadual da época, incidia majoritariamente sobre os produtos de exportação da pecuária (6%). Os calçados e demais produtos industrializados pagavam 4%.

⁶ A instalação da usina hidrelétrica na Picada 48 (atualmente municípios de Ivoti e Lindolfo Collor) contribuiu para a aceleração do emprego de máquinas modernas na fabricação de calçados e artefatos de couro no Vale do Rio dos Sinos. (LAGEMANN, 1986).

Tabela 12

Número de pares de calçados produzidos nas fábricas de Novo Hamburgo, RS - 1921 e 1929

Tipo de calçado	1921	1929
Sapatos e borzequins para crianças	158 314	1 381 810
Sapatos e borzequins para adultos	207 796	987 284
Chinelos e sandálias	409 534	310 857
Perneiras	1 981	19 015
Botas	1 417	1 803

FONTE: Lagemann (1986, p. 75).

NOTA: Quantidades informadas para tributação disponíveis na Coletoria Federal de Novo Hamburgo, relativas ao pagamento do imposto de consumo, de competência federal, ao qual estava sujeita a produção de calçados.

O período entre 1935 e 1950 pauta-se pela difusão tecnológica e pela consolidação da indústria de calçados, localizada preponderantemente no Vale do Rio dos Sinos, em especial, na cidade de Novo Hamburgo, favorecida pela integração dos mercados regionais, o que deu oportunidade ao desenvolvimento de empreendimentos com maiores escalas de produção. Além de uma crescente especialização na fabricação de calçados femininos, são visíveis os primeiros sinais de uma conformação integrada que futuramente se consolidaria como o complexo coureiro-calçadista⁷. No entanto, embora essa transformação viesse ocorrendo e impondo uma nova estrutura de produção no setor, ele ainda não podia ser entendido como atividade econômica expoente da região. A produção de couros ainda mantinha liderança econômica (LAGEMANN, 1986).

O processo de industrialização e de urbanização ocorrido no Brasil a partir da década de 1950 permitiu que a indústria gaúcha de calçados, consolidando sua especialização na fabricação de sapatos femininos, ampliasse sua inserção no mercado nacional e duplicasse o volume produzido. A produção de calçados estadual atingiu 10 milhões de pares no começo da década de 1950, sendo 60% de calçados femininos (GARCIA, 1996). Este crescimento estimulou também a busca pela ampliação das vendas para o mercado externo por alguns fabricantes, embora apenas no final dos anos 1960, esse tenha se tornado uma alternativa real para a indústria calçadista gaúcha. Conforme aponta Lagemann (1986), em 1969 foram exportados 206 mil pares de calçados, o equivalente a 1% da produção total daquele ano.

Nesse período, o crescimento da produção de calçados e a conquista de novos mercados trouxe, de um lado, a consolidação da liderança da indústria calçadista na economia da região do Vale do Rio dos Sinos, e, de outro lado, a perda de importância relativa da indústria de curtumes na composição da estrutura setorial da indústria gaúcha. Contudo, a estrutura industrial dominante era formada por “[...] empresas de pequeno e médio porte, apresentando baixo conteúdo inovativo e características artesanais em seus métodos de produção” (COSTA, 2002, p. 55). A capacitação tecnológica ocorria pela importação de máquinas e equipamentos do exterior e compra de bens de capital menos sofisticados no mercado doméstico. Segundo dados do Censo Industrial de 1970 para o Rio Grande do Sul, o setor já contava com 756 unidades produtivas, uma ocupação média de 36 operários e uma participação de 34,1% no valor da

⁷ No começo da década de 1940 já existia “[...] uma fábrica de forma para calçados, uma de tintas, três de cola, uma de caixas de papelão para embalagens de calçados e 29 envernizarias para acabamento ao couro; em 1944 começa a tomar forma a industrialização da acácia negra, matéria-prima para os curtumes” (BRENNER, 1990, p. 72 citado por REIS, 1994, p. 62).

produção brasileira de calçados, marcas bastante superiores aos 471 estabelecimentos com uma ocupação média de 18 operários e uma participação de 16,6% no valor da produção nacional de calçados registradas no Censo Industrial de 1950 (REIS, 1994, p. 62-63).

Foi também no período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial, que se moldou o contexto político institucional que reforçou o desenvolvimento do setor coureiro-calçadista do Vale do Rio dos Sinos. A necessidade de formação de recursos humanos estimulou a comunidade a buscar recursos para fundar várias escolas técnicas no Vale, podendo ser citadas, a Escola Técnica de Calçados, criada em 1947; a Escola Técnica de Curtimento, criada em 1965; a Fundação Escola Técnica Liberato Salzano da Cunha, fundada em 1966; e o Centro Tecnológico do Couro, Calçados e Afins (CTCCA), entidade constituída para treinamento, serviços técnicos e informações de tendências internacionais, que começou a operar em 1972.

O final dos anos 1960 marcou o efetivo ingresso da indústria de calçados do Vale do Rio dos Sinos na fase da internacionalização do setor, na esteira de um conjunto de fatores que contribuíram para este movimento, além da iniciativa dos empresários na busca de novos mercados para seus produtos. Destacam-se dentre eles, a implementação de uma política de promoção às exportações via concessão de benefícios fiscais e creditícios, estímulos da política cambial e a situação favorável no mercado internacional. Schneider (2004) destaca a importância de um programa de incentivo fiscal criado pelo Estado do Rio Grande do Sul, que beneficiava os produtores de calçados e couro por patrocinar a vinda de importadores de calçados e couro à Feira Nacional do Calçado (Fenac)⁸ na cidade de Novo Hamburgo. No seu entendimento, este foi um elemento fundamental para a alavancagem do setor rumo ao mercado externo.

A partir daí, a industrialização dos setores do couro e dos calçados, sobretudo femininos, mudaria radicalmente de rumo. Rapidamente, ampliaram-se os contatos com compradores externos, realizaram-se viagens e visitas a feiras internacionais e logo se instalaram no Vale do [Rio dos] Sinos os agentes de exportação, também chamadas de companhias de exportação que passaram a agenciar a compra de calçados e a fazer a interface entre as demandas do mercado externo e os produtores locais (SCHNEIDER, 2004, p. 27).

Desde o início, as vendas para o exterior direcionavam-se essencialmente para o mercado norte americano e se concentravam em calçados femininos de couro, com reduzido número de modelos e cores pouco variadas, baixos preços e grandes lotes de produção⁹. O modelo de exportação adotado baseava-se em calçados de baixo custo, comercializados por meio de intermediários internacionais (*traders*), que delegavam às fábricas brasileiras a tarefa de produzir de acordo com as especificações recebidas dos compradores e baseadas em modelos desenvolvidos no exterior (GUIDOLIN; COSTA; ROCHA, 2010).

Antes de 1970, o preço médio do calçado exportado era inferior a US\$ 2,00. Entre 1971 e 1977 houve rápido crescimento, tendo-se alcançado o preço médio de US\$ 7,05 naquele ano. De 1978 até o final dos anos 1980, o preço oscilou em torno de uma média de US\$ 7,39. A entrada do setor no mercado externo para atender uma demanda por calçados padronizados, em termos de modelagem e cores, exigiu dos fabricantes uma capacidade de produção de grandes volumes, o que favoreceu a rápida mecanização

⁸ A primeira edição da Fenac foi realizada em Novo Hamburgo, em 1963. Nessa época também ocorre a vinda dos primeiros agentes de exportação, intermediando as ordens de compra de clientes do exterior junto às empresas de calçados. (COSTA, 2002)

⁹ A primeira exportação brasileira em larga escala ocorreu em 1968. Consistiu em uma exportação das sandálias Franciscano da empresa gaúcha Strassburger, destinada ao mercado norte-americano. (ABICALÇADOS, 2012).

das indústrias com vista à ampliação da produção¹⁰. Em decorrência, tem-se o aumento do tamanho médio dos estabelecimentos e um maior cuidado com a qualidade do produto e do processo de produção e cumprimento dos prazos de entrega.

O desempenho exportador da indústria calçadista gaúcha foi notável, favorecido pela abertura de novos canais de comercialização, em especial relacionados com a sua inserção no mercado norte-americano, pelos incentivos concedidos pelos governos da época, através de benefícios fiscais como imunidade de ICM, isenção de IPI para exportação e crédito-prêmio do ICM, e também pela política de minidesvalorizações cambiais adotada em 1968. Os incentivos fiscais¹¹ e financeiros assim como a política cambial foram importantes para permitir a prática de preços competitivos do calçado no mercado externo (COSTA, 2002). Em termos de valor exportado, por exemplo, houve um crescimento de US\$ 70 milhões para US\$ 773 milhões entre 1973 e 1984, o que correspondia de 70% a 75% da exportação brasileira de calçados. O principal mercado era os Estados Unidos da América, que absorvia entre 70% e 80% da exportação em valores monetários, e em torno de 65% em termos de quantidades. A participação do mercado externo também era expressiva quando se considera o destino da produção regional de calçados, uma vez que absorvia cerca de 40% da mesma, entre meados das décadas de 1970 e 1980, segundo a Associação Comercial e Industrial de Novo Hamburgo (LAGEMANN, 1986). Assim, passados vinte anos, no final da década de 1980, esse aglomerado tornou-se o maior exportador de calçados do Brasil e um dos principais centros exportadores de calçados do mundo. No período as exportações do aglomerado evoluíram de menos de 20.000 pares para mais de 150.000 milhões de pares ao ano (VARGAS; ALIEVI, 2000, p. 4). Novo Hamburgo passou a ser conhecida como a capital nacional do calçado.

Nesse período consolida-se a região do Vale do Rio dos Sinos como produtora de calçados no Rio Grande do Sul, com destaque para os municípios de Novo Hamburgo, Campo Bom, Estância Velha, Sapiranga e Parobé. Outros municípios como Taquara, Rolante e Nova Hartz, também inseriam-se nessa região, porém com menor capacidade produtiva. Dados dos Censos Demográficos de 1970 e 1980, do IBGE, mostram um crescimento notável da população dos municípios do Vale do Rio dos Sinos onde se concentrava a indústria coureiro-calçadista: Sapiranga: 127,3%; Campo Bom: 103,3%; Novo Hamburgo: 59,9%; e Estância Velha: 59,5%. (SCHNEIDER, 2004).¹²

O aumento populacional foi reflexo direto da incorporação do colono-migrante no processo produtivo facilitada pela simplificação das operações na produção dos sapatos. A expressiva ampliação da produção requeria um fluxo adicional de mão de obra que não estava disponível na região, e esta veio principalmente de regiões de modernização da agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Alto Uruguai, Missões, Grande Santa Rosa, etc.). Essa espacialização da produção completa-se entre o final dos anos setenta e meados da década de 1980, quando a indústria expandiu-se para municípios da microrregião da Encosta Inferior da

¹⁰ A introdução do sistema de trilhos de transporte e da cadeia de montagem de calçados em substituição ao de cavaletes revolucionou o processo produtivo da indústria calçadista e gerou um aumento de 66% no rendimento na produção média. (SCHNEIDER, 2004).

¹¹ De acordo com Lagemann (1986, p. 78), os benefícios fiscais relativos à imunidade e ao crédito-prêmio de ICM, gozados pelo setor calçadista do Rio Grande do Sul no período de 1973 a outubro de 1985, foram de US\$ 588,6 milhões.

¹² Já nos anos subsequentes, especialmente entre 2000 e 2010, houve uma relativa estabilização do crescimento populacional nesses municípios com o encerramento do *boom* industrial do calçado. A população da região como um todo cresceu bem menos na década por conta da diminuição dos fluxos migratórios de 1980 e parte dos anos 1990 decorrente do declínio da sua principal atividade produtiva. O crescimento da população dos referidos municípios onde se concentrava a indústria coureiro calçadista atingiu os seguintes percentuais: Estância Velha: 21,19%; Campo bom: 11,21%; Sapiranga: 8,38% e Novo Hamburgo: 1,16%.

Serra, tais como Dois Irmãos, Ivoti, Nova Petrópolis, Gramado, Igrejinha, Três Coroas e outras, com o estabelecimento de novas unidades dedicadas a tarefas específicas tais como costura, forração, colagem, entre outras.

A partir de meados da década de 1980, observa-se nova expansão territorial da indústria de calçados, dessa vez em direção às microrregiões do Vale do Caí e do Vale do Taquari onde predominava a agricultura familiar colonial, que já não oferecia boas possibilidades econômicas e remunerava mal a força de trabalho. Conforme salienta Schneider (2004, p. 29), trata-se de um “[...] processo de expansão descentralizada [...] para onde as fábricas se expandem e estabelecem novas unidades além daquelas que passam a se desenvolver a partir do próprio local”.

Este período significou, assim, o grande impulso para a consolidação da atividade coureiro-calçadista do Vale do Rio dos Sinos e no seu entorno como o maior arranjo produtivo de calçados no Brasil e no mundo. O dinamismo nas exportações permitiu igualmente a expansão dos segmentos da cadeia produtiva dos calçados, o que levou à consolidação da atividade, mesmo com o fim dos incentivos fiscais em 1985.

No arranjo produtivo calçadista Sinos-Paranhana, nota-se a presença dos diferentes segmentos de atores que compõem a sua cadeia de valor em âmbito local e regional. Existem curtumes, fabricantes de máquinas, equipamentos e componentes, agentes de exportação, prestadores de serviços, fabricantes de borrachas e plásticos e outros componentes, entre outros atores que integram a cadeia produtiva coureiro-calçadista local.

Um aspecto importante a comentar, é o fato de que esse arranjo produtivo agrega o maior número de organizações de representação no Brasil, atendendo os diversos segmentos da cadeia produtiva. A maior parte dessas organizações surgiu na esteira do incremento das exportações de calçados e no decorrente desenvolvimento das atividades do aglomerado produtivo. Conforme relata Orssatto (1995), ainda nos anos 1970, foram fundados em Novo Hamburgo o Centro Tecnológico do Couro, Calçados e Afins (CTCCA), a Associação das Indústrias de Curtumes do Rio Grande do Sul (AicSul) e a Associação Brasileira dos Químicos e Técnicos em Curtimento (ABQTIC). Já na década seguinte, foram criadas a Associação das Indústrias de Calçados do Rio Grande do Sul (AdiCal), posteriormente substituída pela Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados), a Associação das Indústrias de Componentes para Calçados (Assintecal), a Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos, a Associação Brasileira dos Estilistas de Calçados e Afins (ABECA) e a Associação Brasileira dos Exportadores de Calçados e Afins (Abaex), entre outros. Além dessas instituições, tem-se a Feira Nacional do Calçado (Fenac) e a Feira Internacional de Couros, Produtos Químicos, Componentes, Equipamentos e Máquinas para Calçados e Curtumes (Fimec).

O impulso exportador, contudo, sofreu um revés no início dos anos 1990 com a abertura comercial brasileira, marcada por queda de barreiras tarifárias e não-tarifárias, num momento em que já se manifestava uma mudança na configuração do mercado internacional de calçados. Ao longo dessa década ocorreu o deslocamento de plantas e de empresas fabricantes de calçados para países e regiões que apresentavam vantagens locacionais ligadas ao baixo custo de produção, especialmente relacionado ao

fator mão de obra, cujo principal exemplo é a China. Esse deslocamento engajou-se dentro de um movimento geral de constituição de uma nova distribuição espacial da indústria, tanto de países desenvolvidos como de países em desenvolvimento.

Os efeitos da abertura comercial e do aumento da concorrência internacional sobre a competitividade do calçado brasileiro foram sentidos diretamente pelo arranjo produtivo Sinos-Paranhana que, de certa forma, vinha de uma situação confortável propiciada pelos subsídios governamentais concedidos até a década anterior e pelo mercado externo em expansão. O Brasil havia se especializado na produção de calçados de baixo custo e ficou difícil competir com a produção asiática em termos de preço, especialmente devido ao baixíssimo custo da mão de obra em países como China, Indonésia e Tailândia. Além disso, os investimentos em capacitação para o desenvolvimento de produto, criação de marcas e de canais próprios de comercialização e distribuição haviam se mantido em patamares mínimos até a década de 1990. (GUIDOLIN; COSTA; ROCHA, 2010).

A perda de competitividade do calçado gaúcho foi agravada pela forte instabilidade da macroeconomia brasileira e a política de estabilização do Plano Real de julho de 1994, com a valorização do câmbio e elevação dos juros, o que acarretou uma crise profunda para grande parte das empresas do aglomerado calçadista Sinos-Paranhana. Conforme Schmitz (1999 apud VARGAS; ALIEVI, 2000, p. 4) essa fase constitui-se na “[...] etapa difícil da globalização do arranjo [...]” tendo requerido profundas mudanças na forma de organização do processo produtivo intra e inter firmas. Essencialmente aconteceram ajustes da esfera produtiva às novas condições de produção (novas práticas produtivas e novo paradigma tecnológico) e alteração nas formas de comercialização (globalização produtiva e comercial) (COSTA, 2007)¹³.

O ajuste defensivo ocorrido no setor provocou fechamento de empresas, eliminação de postos de trabalho e demanda por proteção que se converteu em “um programa de apoio ao setor, contendo linha de crédito emergencial e medidas de salvaguardas através de elevação de alíquotas de importação”, conforme relatam Costa e Fligespán (1977) citados em Costa (2002, p. 61).

Além das estratégias adotadas ao nível das condições de produção e alteração nas formas de produção, buscando reduzir custos e racionalizar a produção, inaugurou-se também um outro movimento importante nos anos 1990, que foi o deslocamento de fabricantes de calçados do Vale dos Sinos (também de outras regiões brasileiras, como a região de Franca, em São Paulo) para fora das fronteiras do estado do Rio Grande do Sul em direção ao Nordeste brasileiro. A existência de mão de obra barata e de um conjunto de incentivos atrativos oferecidos pelos governos nordestinos, paralelamente à maior proximidade geográfica em relação aos principais mercados consumidores, como os Estados Unidos e a Europa, foram os principais fatores que motivaram as empresas a buscar recuperar a rentabilidade e a competitividade nas faixas de mercado perdidas para o calçado de origem asiática, especialmente o chinês.

A breve fase de recuperação do desempenho desse setor que resultou desse esforço de reestruturação foi, contudo, interrompida pela sobrevalorização do real que acarretou quedas acentuadas na

¹³ No plano empresarial, foram estabelecidas estratégias, “principalmente por parte das médias e grandes empresas com foco em modernização tecnológica, diversificação de mercados, ampliação do número de linhas e modelos de calçados fabricados, bem como a preocupação de aumentar a qualidade, reduzir desperdícios na produção e adotar práticas de gestão mais flexíveis e profissionais” (COSTA, 2002, p. 62).

produção e na exportação de calçados, em quantidades e em valores. A posterior desvalorização cambial de 1999, por sua vez, voltou a trazer um curto período de crescimento do setor, mas as expectativas de recuperação mais duradoura viram-se frustradas pela crise argentina no início dos anos 2000 e pela desaceleração da economia norte-americana, principais compradores dos calçados brasileiros, sobretudo os provenientes do Rio Grande do Sul. (CAMPOS; CALANDRO, 2009).

A nova divisão de mercado internacional entre os principais fabricantes deixou os calçados de menor valor agregado a cargo dos países asiáticos, enquanto os produtos de marca e *design* sofisticado permaneceram com os tradicionais fabricantes de calçados, como é o caso da Itália, ocupando nichos de mercado. Ao Brasil, nessa divisão, cabe uma posição intermediária no mercado - os calçados não são baratos como os fabricados pelos asiáticos, nem possuem os atributos (sofisticação, *design* e marca) dos produtos italianos. Convivem no Brasil dois tipos de aglomerações: o primeiro, mais tradicional, organizado em redes locais de produção formadas principalmente por empresas de pequeno e médio portes, é especializado na produção de calçados femininos (Vale do Rio dos Sinos/RS e Paranhana/Encosta da Serra/RS); calçados masculinos (Franca/SP e Jaú/SP) e calçados infantis (Birigui/SP). O segundo tipo de organização, formado principalmente por grandes empresas, está sediado na região Nordeste do País e destaca-se pela existência de produção de calçados de baixo custo e menores preços.

A crescente participação dos calçados asiáticos no mercado internacional, contudo, passou a exigir dos calçadistas gaúchos um reposicionamento na cadeia global de valor, ou seja, esses fabricantes deviam buscar uma melhoria de processos e de produtos que garantissem maior valor agregado ao produto final e, ao mesmo tempo, desenvolvessem capacitações na área de *design*, marcas e comercialização.

O resultado dessas estratégias sobre o setor calçadista, bem como os efeitos das alterações da política econômica brasileira e os impactos decorrentes da crise financeira internacional de 2008 que se abateu sobre os principais mercados compradores e seus desdobramentos, pode ser melhor compreendido através da análise sobre o desempenho recente dessa indústria no Brasil e no Rio Grande do Sul.

4 Análise setorial e importância atual do APL calçadista Sinos-Paranhana

Após a análise das informações socioeconômicas dos municípios compreendidos nos Coredes Consinos e Coredepes, envolvendo dados sobre o número de empregos e de estabelecimentos, bem como a composição da produção de cada município, e a apresentação da formação histórica da atividade coureiro-calçadista, nesta seção será delimitado e analisado o APL calçadista Sinos-Paranhana.

Inicialmente será examinada a configuração da cadeia produtiva e caracterizada a indústria calçadista no espaço brasileiro e regional. Com base em informações da RAIS sobre número de empregos e estabelecimentos, é apresentada a distribuição regional dessa indústria no Brasil, bem como são comentados os índices de localização industrial (QL) e o valor das saídas fiscais, calculados para as principais classes de atividade da cadeia produtiva calçadista no APL. A segunda parte refere-se à análise

dos diversos aspectos sobre a evolução de emprego e de estabelecimentos do APL, por município e por porte de empresa, além da caracterização da escolaridade e salário médio segundo as classes de atividade da atividade coureiro-calçadista. Por último será comentada a evolução das exportações e importações dos principais segmentos da cadeia produtiva de calçados à luz da inserção do APL no mercado internacional: as estratégias adotadas frente ao avanço dos calçados chineses nos mercados tradicionalmente ocupados pelos produtos gaúchos e também no próprio mercado doméstico.

4.1 Configuração da cadeia produtiva do calçado e caracterização da indústria no espaço brasileiro e regional

A fabricação de calçados relaciona-se com indústrias ou atividades pertencentes a outras cadeias produtivas, conforme pode ser observado no fluxograma da cadeia produtiva de couro e calçados apresentada na Figura 9. Inclui desde a produção da matéria-prima couros e peles até a fabricação dos bens de consumo finais, interligando-se tecnologicamente com a produção de equipamentos e componentes químicos e com as atividades de apoio (centros de treinamento, de ensino e de pesquisa, etc.) e de comercialização.

A cadeia industrial é praticamente auto-suficiente, à exceção da fabricação de equipamentos mais sofisticados – com componentes eletrônicos – e de alguns insumos químicos e petroquímicos – controlados por monopólios. Os segmentos produtivos mais importantes são o processamento do couro e a confecção do calçado, embora a indústria apresente diversas inter-relações com outros setores industriais, notadamente com a indústria química, que vem assumindo importância crescente na cadeia produtiva, seja como fornecedora de insumos, seja como agente de inovação que perpassa todas as atividades da cadeia. A indústria de componentes para calçados beneficia-se diretamente dos desenvolvimentos da indústria química e acaba transferindo tecnologia e inovação para o produto final, o calçado. Sobressai nesta linha o desenvolvimento e a adoção de novos materiais nos calçados, principalmente de matérias plásticas. Outra fonte importante de inovação é a indústria de máquinas e equipamentos para as indústrias de couro e calçados, mas cada vez mais, “[...] os esforços inovativos das empresas calçadistas são centrados em *design* e desenvolvimento de produtos, buscando a diferenciação”. (GUIDOLIN; COSTA; ROCHA, 2010, p. 250).

heterogênea no que se refere ao tamanho das unidades e à atualização tecnológica. As empresas são de vários portes, com predominância de pequenas unidades que tendem a organizar-se em aglomerados produtivos locais, o que é uma tendência internacional. O processo produtivo tradicional (sintéticos, de couro e têxtil) é realizado em etapas: modelagem, corte, costura, montagem e acabamento, e é prática comum nessa indústria a descentralização de etapas da produção para diversas empresas. Já nos calçados injetados (principalmente de PVC), esses já saem quase prontos das máquinas, com cabedal e solado unidos.

O setor calçadista é intensivo em trabalho, podendo apresentar traços artesanais em sua produção. Faz parte das indústrias chamadas tradicionais e os avanços tecnológicos que experimenta dependem, em grande parte, dos seus fornecedores. A sua principal fonte dos lucros localiza-se mais na capacidade de produzir valor através de pesquisa, *design*, vendas, *marketing* e serviços financeiros do que na escala de produção. Cada vez mais o comando da cadeia fica concentrado na ponta final da cadeia: produtores de marcas tradicionais, grandes varejista, *traders* e cadeias de desconto. (GUIDOLIN; COSTA; ROCHA, 2010).

A concentração geográfica de indústrias afins proporciona importantes economias de aglomeração que contribuem para a eficiência coletiva do setor, mas este não é o único fator a considerar. A presença de uma infraestrutura tecnológica que privilegie o desenvolvimento de uma rede de troca de informações e cooperação tecnológica entre os atores da aglomeração produtiva são elementos importantes para uma estratégia competitiva eficaz.

O fato da presença de uma cultura tradicional, quase secular no que se refere à produção de calçados e seus acessórios na região do Vale do Rio dos Sinos, facilitou o surgimento de escolas técnicas que visaram a formação de mão de obra especializada, novas organizações para promover vendas (Fenac, Couromoda), entidades voltadas para a pesquisa e desenvolvimento tecnológico (IBTEC, ex-CTCCA e Assintecal). Muitas fábricas de máquinas e equipamentos para couros e calçados, componentes e insumos instalaram-se na região, assim como uma rede de assistência técnica e de prestação de serviços.

As mudanças que vem se fazendo presentes na indústria calçadista do Vale do Rio dos Sinos iniciaram no final dos anos 1980, quando o desempenho dessa indústria começou a refletir, por um lado, as transformações havidas no mercado internacional e, pelo outro lado, os efeitos da rápida abertura comercial brasileira. Essencialmente aconteceram ajustes da esfera produtiva às novas condições de produção (novas práticas produtivas e novo paradigma tecnológico) e alteração nas formas de comercialização (globalização produtiva e comercial) e ajustes aos efeitos da política econômica baseada em taxas de juros elevadas e câmbio apreciado (COSTA, 2007).

A crescente participação dos calçados asiáticos no mercado internacional passou a exigir dos calçadistas gaúchos um reposicionamento na cadeia global de valor, fazendo com que os fabricantes buscassem uma melhoria de processos e de produtos para garantir maior valor agregado ao produto final e, ao mesmo tempo, desenvolver capacitações na área de *design*, marcas e comercialização.

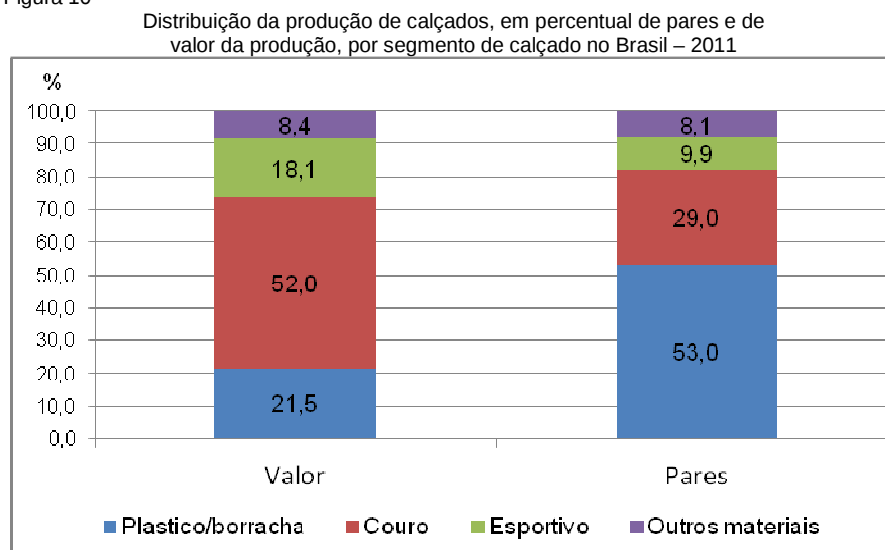
Uma das formas encontradas pelos fabricantes gaúchos foi reproduzir dentro do país o movimento que acontecia no cenário internacional em busca de mão de obra mais barata e, assim, recuperar a competitividade do produto no mercado externo. O deslocamento de plantas industriais desse Estado para

outras regiões do País, a partir de meados da década de 1990, explica em grande parte o crescimento da indústria calçadista em outros estados, notadamente Ceará e Bahia. Também motivado pela existência de incentivos fiscais atraentes, pela valorização do dólar frente ao real e pelo crescimento da concorrência do calçado chinês, tanto no mercado internacional quanto no mercado interno brasileiro, esse deslocamento estimulou o surgimento e a consolidação de novos polos produtores da cadeia do calçado no Brasil.

Nos últimos cinco anos, a produção de calçados no Brasil tem oscilado em torno de 815 milhões de pares, com exceção de 2010, quando alcançou 893,9 milhões. Cerca de 80% dessa produção é direcionada ao mercado interno. A pauta de produção inicialmente voltada para a fabricação de calçados utilizando a matéria-prima couro é atualmente dominada pelos calçados de plástico e borracha (inclusive chinelos e sandálias), representando 53% da produção nacional. Os calçados de couro, amplamente direcionados para o mercado externo, ocupam a segunda posição com 29%, ou seja, 237,5 milhões de pares. Calçados esportivos e calçados de outros materiais contribuem, respectivamente, com 10% e 8%. (IEMI, 2012).

O valor da produção de calçados no Brasil em 2011, calculado pela mesma entidade, com base nos preços médios dos produtos fabricados, foi de R\$ 21,8 bilhões, um acréscimo de apenas 0,2% sobre o ano de 2010. O exame do valor da produção por segmento (Figura 10) revela que os calçados de couro representam 52,0% desse montante, embora sua contribuição em número de pares seja de apenas 29,0%. A situação contrária acontece no segmento dos calçados de plástico e borracha, cuja participação em valor (21,5%) é menor que a metade que sua representatividade em termos de volume de produção (53,0%). O valor médio da produção desses calçados explica em grande medida essa diferença: R\$ 47,61 pelo par dos calçados de couro e R\$ 10,81 pelo par de calçados de plástico ou borracha. (IEMI, 2012).

Figura 10



FONTE: IEMI (2012, p. 54 e 56).

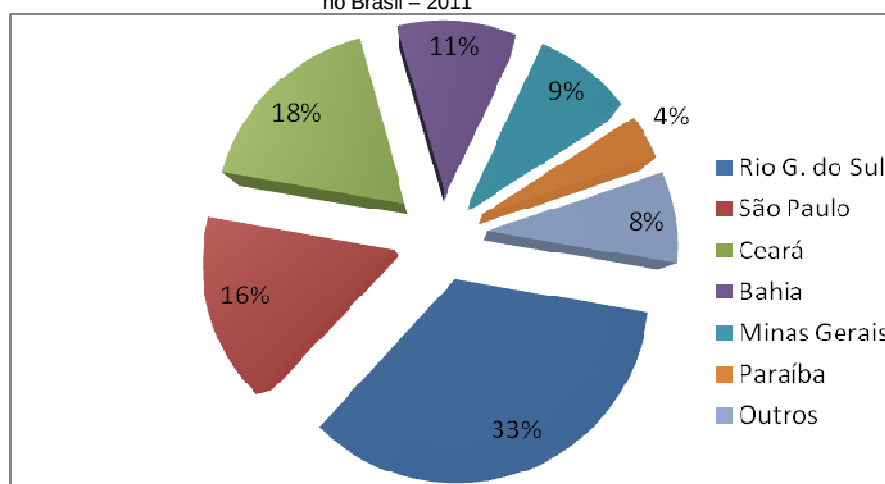
Em termos de distribuição regional da produção, que foi de 819,1 milhões de pares em 2011, o estudo elaborado pelo IEMI mostra que a região Nordeste concentra a maior parcela da produção em volume de pares (42,8% do total), seguida da região Sul, com 33,0%, mas em valor essa diferença

praticamente desaparece, uma vez que a participação da região Nordeste cai para 35,0% e a da região Sul sobe para 34,1%. (IEMI, 2012).

A distribuição regional dos 342.218 empregados em 2011¹⁵, por sua vez, assume contornos bem diferentes refletindo o tipo de organização industrial predominante em cada região: grandes empresas no Nordeste; pequenas e médias empresas na região Sul e Sudeste. Agora é a região Sul que passa a predominar com 37,2% dos empregos formais (127.310), e a Nordeste fica com 35,8% (122.450). Já a região Sudeste responde por 25,6% (87.636) dos empregos diretos.

Na Figura 11, por sua vez, tem-se a estrutura do emprego formal do setor calçadista no país segundo os principais estados. Como se pode observar, apesar de estar perdendo importância no cenário nacional, isoladamente o Rio Grande do Sul continua sendo o estado mais representativo gerando 33% dos empregos formais (116.173), e absorvendo praticamente o dobro dos empregos do Ceará, o segundo colocado (61.843).

Figura 11
Estrutura do emprego formal da indústria calçadista, segundo os estados produtores, no Brasil – 2011



FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS - MTE (2011).

NOTA: Foram utilizadas as quatro classes de atividades específicas referentes à fabricação de calçados incluídas na divisão 15 da CNAE 2.0.

No Ceará, ao contrário dos estados produtores tradicionais e do Brasil como um todo, a indústria calçadista vem crescendo em importância inclusive na matriz industrial local (representa 27% da mão de obra formal ocupada na indústria de transformação cearense, em 2011). O maior crescimento da indústria calçadista cearense deixou São Paulo ocupando a terceira posição com 54.708 empregos. Por sua vez, Bahia, Paraíba e Minas Gerais vem apresentando crescente dinamismo no setor calçadista de crescimento e

¹⁵ Foram consideradas aqui as classes de atividades CNAE 2.0 específicas da fabricação de calçados:
15319 – Fabricação de calçados de couro
15327 – Fabricação de tênis de qualquer material
15335 – Fabricação de calçados de material sintético
15394 – Fabricação de calçados de materiais não especificados anteriormente
15408 – Fabricação de partes de calçados, de qualquer material.

de trabalhadores ocupados na produção de calçados. Juntos esses três Estados respondem por 24% dos empregos gerados nessa indústria em nível nacional.

As Tabelas 13 e 14 fazem uma comparação entre o Rio Grande do Sul e o Brasil do número de estabelecimentos e de empregos em cada classe de atividade coureiro-calçadista, incluindo-se a etapa do curtimento do couro e a fabricação de artefatos de couro, bolsas e artigos para viagem além das classes específicas referentes à fabricação de calçados e suas partes. Foram acrescentadas também três outras atividades correlatas, conforme sugerido na bibliografia específica sobre o tema: a Fabricação de adesivos e selantes, a Fabricação de artefatos de borracha não especificados anteriormente e a Fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, do couro e de calçados, que fazem parte da cadeia produtiva do calçado.

Confirmando o que já foi comentado anteriormente, a aglomeração e, conseqüentemente, o Rio Grande do Sul, conta com empresas em todas as etapas da cadeia produtiva: fábricas de calçados, curtumes, fornecedores de máquinas e equipamentos, fabricantes de componentes, prestadores de serviços e agentes de exportações, entre outros (VARGAS; ALIEVI, 2000). Na Tabela 13, de imediato chama a atenção, o grande número de estabelecimentos formais na atividade Fabricação de calçados de couro, tanto no Rio Grande do Sul quanto no Brasil, mas com maior concentração no nível regional do que nacional.

Tabela 13
Número de estabelecimentos no setor coureiro-calçadista no Brasil e no Rio Grande do Sul, segundo as classes de atividade – 2010

Classes de Atividades	RS	Brasil	Partic. % do RS no Brasil
15106 - Curtimento e outras preparações de couro	224	749	29,91
15211 - Fabricação de artigos para viagem, bolsas e semelhantes de qualquer material	320	1.459	21,93
15297 - Fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente	328	1.305	25,13
15319 - Fabricação de calçados de couro	3.063	7.034	43,55
15327 - Fabricação de tênis de qualquer material	46	295	15,59
15335 - Fabricação de calçados de material sintético	76	570	13,33
15394 - Fabricação de calçados de materiais não especificados anteriormente	126	1.353	9,31
15408 - Fabricação de partes para calçados, de qualquer material	516	1.099	46,95
20916 - Fabricação de adesivos e selantes	32	276	11,59
22196 - Fabricação de artefatos de borracha não especificados anteriormente	171	1.517	11,27
28640 - Fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, do couro e de calçados	136	266	51,13
Total	5.038	15.923	31,64

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS - MTE (2010).

Particularmente, no arranjo produtivo calçadista Sinos-Paranhana predomina a produção de calçados de couro (3.063 unidades produtivas, 44%), com ênfase em calçados femininos, o que lhe confere um diferencial frente às demais aglomerações do restante do país e que lhe traz vantagens produtivas e competitivas¹⁶. Outra característica que fica evidente, na tabela, é a elevada participação de estabelecimentos fabricantes de partes de calçados (classe 15408) e de máquinas e equipamentos para as

¹⁶ Das fábricas de calçados de couro, no RS, 1880 estão localizadas em 7 municípios do APL calçadista Sinos-Paranhana: Novo Hamburgo (421), Sapiranga (336), Igrejinha (294), Parobé (272), Três Coroas (227), Campo Bom (219) e Rolante (111).

indústrias de couros e calçados (classe 28640) situados no Rio Grande do Sul, em torno de 50% dos estabelecimentos existentes no Brasil nessas duas classes de atividade.

Os dados sobre emprego reforçam essa análise (Tabela 14). Cerca de 40% dos empregos formais (84.306) existentes na atividade Fabricação de calçados de couro, 50% (11.450) dos encontrados na Fabricação de partes para calçados e 48% (1.818) dos existentes na Fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do couro e de calçados localizam-se em estabelecimentos no Rio Grande do Sul. Contudo, é importante destacar que além desses as demais atividades também estão relativamente bem representadas no Estado, com exceção da fabricação de calçados de materiais não especificados.

Tabela 14

Número de empregos formais na indústria calçadista no Brasil e no Rio Grande do Sul, segundo as classes de atividade – 2010

Classes de Atividades	RS	Brasil-	Partic. % do RS no Brasil
15106 - Curtimento e outras preparações de couro	13.699	39.369	34,80
15211 - Fabricação de artigos para viagem, bolsas e semelhantes de qualquer material	2.756	16.673	16,53
15297 - Fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente	3.722	15.240	24,42
15319 - Fabricação de calçados de couro	84.306	221.808	38,01
15327 - Fabricação de tênis de qualquer material	4.397	14.350	30,64
15335 - Fabricação de calçados de material sintético	15.098	53.904	28,01
15394 - Fabricação de calçados de materiais não especificados anteriormente	3.146	35.758	8,80
15408 - Fabricação de partes para calçados, de qualquer material	11.450	22.871	50,06
20916 - Fabricação de adesivos e selantes	739	5.149	14,35
22196 - Fabricação de artefatos de borracha não especificados anteriormente	6.510	57.655	11,29
20916 - Fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, do couro e de calçados	1.818	3.770	48,22
Total	147.641	486.547	30,34

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS - MTE (2010).

A diminuição da importância relativa do setor coureiro-calçadista gaúcho no cenário nacional, em termos de queda nos volumes de emprego, pode ser visualizada na Tabela 15. A maior parte das taxas médias anuais de crescimento do emprego, relativas ao período de 2000 a 2010, nas classes de atividade ligadas à cadeia produtiva do calçado foi negativa no Rio Grande do Sul, evidenciando um encolhimento do número de postos de trabalho no período. Tal fato é o oposto do que aconteceu no caso brasileiro, onde é notório o crescimento do volume de emprego na atividade coureiro calçadista, especialmente na fabricação de calçados e de suas partes.

Tabela 15
Taxa média anual de crescimento do emprego e do número de estabelecimentos dos grupos de atividade que integram a indústria calçadista, no Rio Grande do Sul e no Brasil – 2000/2010

Grupos e classes CNAE 2.0	Taxa média anual de cresc. do emprego (%) (2010/2000)		Taxa média anual de cresc. do nº de estabelecimentos(%) (2010/2000)	
	RS	BR	RS	BR
Curtimento e outras preparações de couro	0,48	2,36	0,04	-0,68
Fabricação de artigos para viagem e artefatos diversos de couro	-4,56	0,31	0,76	1,16
Fabricação de calçados e de partes de calçados de qualquer material	-0,18	3,79	4,33	4,20
Fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, do couro e de calçados	-0,95	2,98	-0,71	1,55
Outros (1)	0,09	3,79	2,35	2,05
Total	-0,37	3,39	3,32	3,03

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS - MTE (2010).

(1) Inclui Fabricação de adesivos e selantes e Fabricação de artefatos de borracha não especificados anteriormente.

Essas taxas estão a mostrar que existem outras regiões do país onde a atividade calçadista está se desenvolvendo com grande dinamismo, produzindo um produto mais competitivo para as faixas de menor preço.

Em termos do número de estabelecimentos, as taxas são menos desiguais, embora também apresentem alguma oposição de taxas negativas e positivas para uma mesma classe de atividade. Por exemplo, na década de 2000, no Rio Grande do Sul, caiu o número de estabelecimentos produtores de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, do couro e de calçados; no Brasil, não. No caso dos curtumes, houve um crescimento no Rio Grande do Sul e uma queda no Brasil, no referido período.

No Rio Grande do Sul, como já foi mencionado nos capítulos 1 e 2 deste relatório, são o Corede Vale do Rio dos Sinos (Consinos) e o Corede Paranhana-Encosta da Serra (Coredepes) os que abrigam a maior aglomeração produtiva calçadista no Estado. A aplicação do cálculo do Quociente de Localização (QL), que indica a concentração relativa de uma indústria em uma determinada região ou município, comparativamente à participação da mesma no espaço regional definido como base, considera as classes das atividades em ambos os Coredes. As situações mais importantes são aquelas em que um QL elevado vem acompanhado de uma alta participação relativa no emprego da respectiva classe de indústria no Estado.

As informações do índice de especialização (QL) permitem identificar e delimitar geograficamente as regiões ou municípios onde se encontram aglomerações ou empresas, ou sistemas locais de produção, da indústria espacialmente concentrada. Assim, um QL acima da unidade em determinada indústria numa região ou município indica que existe a especialização da estrutura produtiva local naquela indústria.

A Tabela 16 apresenta o Quociente Locacional de emprego (QLemp) e de estabelecimentos (QLest) bem como informações sobre emprego e estabelecimentos por classe de atividade da indústria coureiro-calçadista nos Coredes Vale do Rio dos Sinos (Consinos) e Paranhana-Encosta da Serra (Coredepes) onde, com base em informações já obtidas e divulgadas neste relatório, se concentra essa atividade no Estado do Rio Grande do Sul.

Tabela 16

Empregos, estabelecimentos, Quociente Locacional (QL) e participação relativa no emprego das classes da indústria coureiro-calçadista nos Coredes Vale do Rio dos Sinos e Paranhana-Encosta da Serra – 2010

Classes de atividades	Empregos 2010	Estabelecimentos 2010	QL emprego 2010		QL estabelecimentos 2010		Participação relativa no emprego em 2010		
			Corede Vale do Rio dos Sinos	Corede Paranhana-Encosta da Serra	Corede Vale do Rio dos Sinos	Corede Paranhana-Encosta da Serra	Total da indústria do RS (%)	Total dos dois Coredes (%)	Total da classe de atividade no RS (%)
15106 - Curtimento e outras preparações de couro	8.942	164	2,65	1,65	3,68	0,66	0,32	1,99	65,27
15211 - Fabricação de artigos para viagem, bolsas e semelhantes de qualquer material	1.800	203	3,14	0,33	3,17	0,75	0,06	0,40	65,31
15297 - Fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente	1.901	132	2,06	1,32	1,81	0,90	0,07	0,42	51,07
15319 - Fabricação de calçados de couro	63.279	2.390	2,05	5,17	2,33	6,25	2,26	14,10	75,06
15327 - Fabricação de tênis de qualquer material	2.586	11	1,21	0,00	0,94	0,00	0,09	0,58	58,81
15335 - Fabricação de calçados de material sintético	7.491	46	0,88	5,11	1,42	6,31	0,27	1,67	49,62
15394 - Fabricação de calçados de materiais não especificados anteriormente	2.420	90	2,39	1,92	2,05	5,56	0,09	0,54	76,92
15408 - Fabricação de partes para calçados, de qualquer material	9.828	447	3,08	3,81	2,87	6,08	0,35	2,19	85,83
20916 - Fabricação de adesivos e selantes	634	14	4,26	0,02	2,19	0,58	0,02	0,14	85,79
22196 - Fabricação de artefatos de borracha não especificados anteriormente	3.058	85	2,32	0,05	2,55	0,43	0,11	0,68	46,97
28640 - Fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, do couro e de calçados	1.202	114	3,08	0,68	4,20	1,09	0,04	0,27	66,12
Total	103.141	3.696	-	-	-	-	3,68	22,99	69,86

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS-MTE (2010).

A análise dos QLs mostra algumas diferenças entre os Coredes. As classes da divisão 15 não direcionadas à fabricação do calçado propriamente dito, ou seja, 15106, 15211, e 15297, são mais fortes no Corede Vale do Rio dos Sinos do que no Corede Paranhana-Encosta da Serra, e os QLs, neste último, são superiores à unidade em apenas dois casos, evidenciando falta de especialização produtiva local na classe nessa região.

Os QLs calculados para as classes relativas à fabricação de calçados e suas partes, contudo, indicam uma clara especialização dessa atividade na região. Existem apenas alguns casos pontuais em que os índices são inferiores à unidade, correspondendo às informações capturadas na literatura sobre o tema.

Por exemplo, no Corede Vale do Rio dos Sinos, é fraca a produção de calçados de material sintético e no Corede Paranhana-Encosta da Serra não se fabrica tênis de qualquer material¹⁷.

Deve-se salientar que os índices sinalizam a presença forte de fabricação de calçados de couro (classe 15319), o que se confirma pela elevada participação do emprego na classe de atividade no RS (75%), de fabricação de calçados de materiais não especificados anteriormente (classe 15394), participando com 76,92% do emprego dessa classe no Estado e a fabricação de partes para calçados, de qualquer material (classe 15408), com uma participação no emprego na classe no Estado de 85,83%. Também é importante salientar a visível especialização do Corede Paranhana-Encosta da Serra (QLemp 5,11 e QLest 6,31) na fabricação de calçados de material sintético.

Quanto aos QLs das atividades correlatas no Corede Vale do Rio dos Sinos, observa-se que todos eles são superiores à unidade, evidenciando a especialização da região na produção desses bens e a presença da cadeia produtiva completa, desde o curtume e preparação de couro até a fabricação de máquinas e equipamentos para a indústria de calçados.

Uma análise dos dados específicos de emprego mostra que as classes que mais empregaram em 2010 foram: 15319 - Fabricação de calçados de couro (61,35%), 15408 - Fabricação de partes para calçados, de qualquer material (9,53%), 15106 - Curtimento e outras preparações de couro (8,67%) e 15335 - Fabricação de calçados de material sintético (7,26%), somando 86,81% do total dos dois Coredes. Contudo, a evolução tão diferente entre 2006 e 2010 é um indicativo das fortes mudanças que estão ocorrendo no interior da aglomeração calçadista Sinos-Paranhana nos últimos anos. Três tendências se destacam: a redução do número de empregos formais gerados na fabricação de calçados de couro, os aumentos desse número na fabricação de calçados de material sintético e, por último, o incremento na fabricação de partes para calçados; esse último incremento decorrente, em grande medida, dos investimentos em inovação de produto e processo e busca de novos materiais pelas empresas locais fabricantes de acessórios e componentes para a indústria calçadista.

Por último, deve-se observar que os dados correspondentes de emprego e estabelecimentos referem-se ao somatório dos Coredes, e são largamente influenciados pelo Consinos, que responde por 60,4% dos empregos gerados e 39,6% dos estabelecimentos.

Um dado importante para o desempenho do setor calçadista é a sua participação no total das saídas fiscais dos estabelecimentos. Essa informação, divulgada pela Secretaria da Fazenda do RS pode ser interpretada como uma variável *proxy* para o Valor Bruto da Produção e foi calculada aqui, também, para os dois Coredes que abrigam o APL calçadista Sinos-Paranhana, usando as classes CNAE 2.0. Os dados estão apresentados na Tabela 17.

¹⁷ No Corede Hortênsias, do qual foram escolhidos os municípios de Picada Café e Nova Petrópolis para integrar o APL calçadista Sinos-Paranhana, a Fabricação de tênis de qualquer material está presente com intensidade (QLemp=17,0329 e QLest=2,9629), assim como a Fabricação de calçados de couro (QLemp=1,35536) e a Fabricação de calçados de materiais não especificados (QLemp=8,3588 e QLest=1,8028).

Tabela 17

Participação das classes CNAE 2.0 na indústria coureiro-calçadista no valor das saídas fiscais do Estado e dos Coredes Vale do Rio dos Sinos e Paranhana-Encosta da Serra - 2010

Classes CNAE 2.0	Corede Vale do Rio dos Sinos			Corede Paranhana-Encosta da Serra		
	Particip. % no valor das saídas			Particip. % no valor das saídas		
	do Estado	do Corede	da atividade no Estado	do Estado	do Corede	da atividade no Estado
15106 - Curtimento e outras preparações de couro	0,84	3,63	56,19	0,15	6,69	10,04
15211 - Fabricação de artigos para viagem, bolsas e semelhantes de qualquer material	0,07	0,31	76,85	0,00	0,09	2,11
15297 - Fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente	0,10	0,43	58,14	0,02	0,67	8,77
15319 - Fabricação de calçados de couro	1,96	8,50	58,17	0,91	40,60	26,89
15327 - Fabricação de tênis de qualquer material	0,01	0,03	4,16	0,00	0,00	0,02
15335 - Fabricação de calçados de material sintético	0,11	0,48	16,98	0,26	11,50	39,56
15394 - Fabricação de calçados de materiais não especificados anteriormente	0,23	0,99	57,49	0,10	4,62	26,00
15408 - Fabricação de partes para calçados, de qualquer material	0,24	1,05	65,95	0,10	4,37	26,51
20916 - Fabricação de adesivos e selantes	0,07	0,30	84,44	0,00	0,01	0,17
22196 - Fabricação de artefatos de borracha não especificados anteriormente	0,24	1,05	26,99	0,01	0,32	0,79
28640 - Fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, do couro e de calçados	0,08	0,34	63,62	0,00	0,18	3,27

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Secretaria da Fazenda do RS.

O Corede Vale do Rio dos Sinos possui o maior PIB e também o maior número de empresas e empregados vinculados à atividade coureiro-calçadista, fato que transparece na sua participação no valor das saídas fiscais da atividade no Rio Grande do Sul: 3,95% em 2010. Por sua vez, o Corede Paranhana-Encosta da Serra, possui uma representatividade menor neste mesmo período: 1,54%. Juntos, os dois Coredes respondem por 5,50% do valor das saídas fiscais do Rio Grande do Sul. A maior contribuição provém da classe 15319 – Fabricação de calçados de couro, que possui o maior número de estabelecimentos e de empregos.

A participação da atividade coureiro-calçadista no valor das saídas do Corede também ilustra a sua importância para a economia local. Neste sentido, destaca-se o Corede Paranhana-Encosta da Serra, onde a lista de classes de atividades específicas e correlatas responde por 69% do valor das saídas fiscais desse Corede em 2010. A fabricação de calçados de couro e de calçados de material sintético despontam como as atividades principais.

Mas é na participação do valor das saídas no total da atividade no Estado, que aparece o efetivo peso dos Coredes em estudo. A participação do Consinos já é relativamente elevada (superior a 50%) em

oito das 11 atividades relacionadas, mas quando somada à participação do Coredepes, os percentuais ficam realmente expressivos. O valor das saídas fiscais de algumas atividades desenvolvidas chega a ultrapassar 80% do valor total das saídas da atividade no Estado, o que comprova a sua concentração regional. São elas: Fabricação de calçados de couro (85,06%); Fabricação de calçados de materiais não especificados anteriormente (83,49%); Fabricação de partes para calçados, de qualquer material (92,47%); Fabricação de adesivos e selantes (85,61%).

4.2 Emprego e estabelecimentos no APL calçadista Sinos-Paranhana

Embora as atividades da cadeia produtiva coureiro-calçadista se localizem em praticamente todos os municípios do Corede Vale do Rio dos Sinos e Corede Paranhana-Encosta da Serra, sejam elas específicas ou correlatas, existem alguns que podem ser excluídos do APL, seja por haver poucos empregos na atividade, seja por ter um número reduzido de estabelecimentos ou ainda, pelo emprego na atividade ser pouco representativo no emprego na indústria de transformação do município.

Para auxiliar nesta definição foi elaborada a Tabela 18 com informações municipais sobre emprego e sobre estabelecimentos no setor calçadista e no total da indústria de transformação em 2010. Novo Hamburgo, Sapiranga, Parobé, Campo Bom, Igrejinha e Três Coroas representam, atualmente, o núcleo do APL calçadista Sinos-Paranhana. Esses municípios detêm o maior número de empregos formais gerados e também o maior número de estabelecimentos. Na outra ponta da listagem, localizam-se os municípios que praticamente não se integram no arranjo produtivo. São eles: Canoas, Esteio, Sapucaia do Sul, Nova Santa Rita e Presidente Lucena. Canoas, por exemplo, é um município populoso, com um PIB elevado, portanto, com indicadores econômicos e sociais que influenciam o desempenho do Corede em que se localiza e, dessa forma, pode introduzir um viés na análise da dinâmica do arranjo produtivo, sem efetivamente fazer parte do mesmo. Certamente foi a retirada desse município, que possui uma estrutura industrial predominantemente voltada para outros setores industriais, que explica grande parte do ganho de 11 pontos percentuais obtida na participação do emprego no setor calçadista no emprego total da indústria de transformação considerando os municípios do APL: passou de 47,68% (incluindo os cinco municípios) para 60,21% (excluindo os cinco municípios).

Além dessa exclusão, passaram a ser incluídos no APL calçadista Sinos-Paranhana dois municípios pertencentes ao Corede Hortênsias: Nova Petrópolis e Picada Café, por estarem sob a influência dos municípios líderes desse arranjo produtivo e, também, por historicamente estarem vinculados ao Vale do Rio dos Sinos. Assim, delimita-se a área de abrangência do arranjo produtivo em 21 municípios, onde são gerados 102.749 empregos em 3.660 estabelecimentos.

Tabela 18

Emprego e estabelecimentos no setor calçadista e emprego na indústria de transformação nos municípios do Corede do Vale do Rio dos Sinos e Corede Paranhana-Encosta da Serra – 2010

Municípios/Coredes	Emprego no Setor Calçadista	Emprego na indústria de transformação	Estabelecimentos no setor calçadista	Participação % do emprego calçadista no emprego industrial
Novo Hamburgo	16.726	35.506	837	47,11
Sapiranga	12.756	16.809	452	75,89
Parobé	10.076	11.818	317	85,26
Campo Bom	8.739	14.345	339	60,92
Igrejinha	8.127	9.686	363	83,90
Três Coroas	7.496	8.546	333	87,71
Nova Hartz	5.962	6.367	108	93,64
Dois Irmãos	5.081	8.290	136	61,29
Estância Velha	4.962	7.691	186	64,52
Rolante	4.266	4.888	128	87,27
Portão	2.681	5.351	59	50,10
São Leopoldo	2.634	20.543	107	12,82
Picada Café	2.540	2.946	24	86,22
Taquara	2.419	4.363	110	55,44
Ivoti	2.158	3.404	46	63,40
Lindolfo Collor	1.472	1.509	15	97,55
Santa Maria do Herval	1.358	1.543	21	88,01
Nova Petrópolis	1.178	3.294	23	35,76
Riozinho	965	1.388	17	69,52
Morro Reuter	810	1.377	15	58,82
Araricá	343	979	24	35,04
Canoas	102	24.739	8	0,41
Presidente Lucena	40	607	3	6,59
Sapucaia do Sul	42	10.467	8	0,40
Esteio	35	6.995	3	0,50
Nova Santa Rita	15	2.515	2	0,60
Canoas	102	24.739	8	0,41
Presidente Lucena	40	607	3	6,59
Sapucaia do Sul	42	10.467	8	0,40
Esteio	35	6.995	3	0,50
Nova Santa Rita	15	2.515	2	0,60
Total geral	102.983	215.966	3.684	47,68
Excluindo:				
Canoas	-102	-24.739	-8	0,41
Presidente Lucena	-40	-607	-3	6,59
Sapucaia do Sul	-42	-10.467	-8	0,40
Esteio	-35	-6.995	-3	0,50
Nova Santa Rita	-15	-2.515	-2	0,60
Total do APL	102.749	170.643	3.660	60,21
Corede Vale do Rio dos Sinos	62.236	164.001	2.315	37,95
Corede Paranhana-Encosta da Serra	37.029	45.725	1.322	80,98
Picada Café + Nova Petrópolis	3.718	6.240	47	59,58

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS-MTE (2010).

As Tabelas 19 e 20 mostram o total de empregos formais e de estabelecimentos por tamanho de empresa segundo as classes de atividades do APL calçadista Sinos-Paranhana. Quando se examina a distribuição do emprego por tamanho de estabelecimento (Tabela 19), observa-se uma nítida concentração em Fabricação de calçados de couro (15319), onde foram geradas 63.201 oportunidades de trabalho em 2010, correspondendo a 61,51% do total. Todos os 21 municípios do APL possuem micro e pequenas empresas fabricantes de calçados de couros, 18 tem estabelecimentos de porte médio e oito possuem empresas grandes, o que caracteriza uma presença forte em todo o APL.

Um segundo nível de concentração é visto em outras três classes: 15106 - Curtimento e outras preparações de couro, 15335 - Fabricação de calçados de material sintético e 15408 - Fabricação de partes para calçados de qualquer material, onde os empregos formais gerados somaram 26.258 e a participação no emprego total foi de 25,56%, no mesmo ano.

Particularmente na Fabricação de partes para calçados de qualquer material (15408) também se observa uma pulverização relativamente forte nos municípios do arranjo produtivo, porém deve-se destacar a predominância de empregos nos estabelecimentos de pequeno porte (4.233 empregos), respondendo por 46,90% dos empregos dessa classe, e a ausência de estabelecimentos de grande porte. Por sua vez, na Fabricação de calçados de material sintético (15335) o destaque é a concentração de geração de empregos nos estabelecimentos de grande porte.

Tabela 19
Distribuição do emprego por tamanho dos estabelecimentos e principais classes de atividade relacionadas ao setor calçadista no APL Sinos-Paranhana, RS – 2010

Classe CNAE 2.0	Micro	Pequeno	Médio	Grande	Total	Micro + Pequeno (%)
15106 - Curtimento e outras preparações de couro	530	2.429	4.409	1.571	8.939	33,10
15211 - Fabricação de artigos para viagem, bolsas e semelhantes de qualquer material	842	940	0	0	1.782	100,00
15297 - Fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente	501	674	669	0	1.844	63,72
15319 - Fabricação de calçados de couro	8.997	18.167	20.110	15.927	63.201	42,98
15327 - Fabricação de tênis de qualquer material	47	118	128	2.293	2.586	6,38
15335 - Fabricação de calçados de material sintético	164	291	1.262	5.774	7.491	6,07
15394 - Fabricação de calçados de materiais não especificados anteriormente	271	578	1.571	0	2.420	35,08
15408 - Fabricação de partes para calçados, de qualquer material	1.728	4.233	3.867	0	9.828	60,65
20916 - Fabricação de adesivos e selantes	66	0	559	0	625	10,56
22196 - Fabricação de artefatos de borracha não especificados anteriormente.	326	760	1.802	0	2.888	37,60
28640 - Fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, do couro e de calçados	533	493	119	0	1.145	89,61
Total – Geral	14.005	28.683	34.496	25.565	102.749	41,55

FONTES DOS DADOS BRUTOS: RAIS –MTE (2010).

A distribuição do emprego por tamanho de estabelecimentos mostra também que a maior parte dos empregos estão localizados nas empresas de médio porte (de 100 a 499 empregados), seguidos daquelas de pequeno porte (de 20 a 99 empregados) e dos estabelecimentos grandes (mas de 500 empregados). Nas microempresas (até 19 empregados) localizavam-se 14.005 empregos em 2010, correspondendo a apenas 13,63% do total. A participação conjunta das micro e pequenas empresas na geração de empregos no APL calçadista Sinos-Paranhana em 2010 foi de 41,55%, tendo sido elevada em apenas duas classes: 15211 - Fabricação de artigos para viagem, bolsas e semelhantes de qualquer material (100%) e 28640 - Fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, do couro e de calçados (89,61%). Outras duas classes que se destacaram nesse quesito foram: 15297 - Fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente (63,72%) e 15408 - Fabricação de partes para calçados, de qualquer material (60,65%).

A Tabela 20, que traz a distribuição de estabelecimentos por tamanho de empresa, segundo as classes de atividades, mostra a predominância das micro e pequenas empresas no APL somando 94,48% do total, sendo que as 2.796 microempresas, sozinhas, já representam 76,39%. A menor concentração desse tipo de estabelecimento encontra-se nas classes 15327 – Fabricação de tênis de qualquer material (72,73%) e 15335 – Fabricação de calçados de material sintético (73,91%). Um outro aspecto que deve ser lembrado é o fato de que, embora sejam altamente representativas em termos de número de empresas, as microempresas não representam a principal fonte de geração de empregos formais do arranjo.

Tabela 20
Distribuição dos estabelecimentos por tamanho e principais classes de atividade relacionadas ao setor calçadista no APL Sinos-Paranhana, RS – 2010

Classe CNAE 2.0	Micro	Pequena	Média	Grande	Total	Micro + Pequena (%)
15106 - Curtimento e outras preparações de couro	93	45	23	2	163	84,66
15211 - Fabricação de artigos para viagem, bolsas e semelhantes de qualquer material	173	25	0	0	198	100,00
15297 - Fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente	104	18	5	0	127	96,06
15319 - Fabricação de calçados de couro	1.840	426	100	15	2.381	95,17
15327 - Fabricação de tênis de qualquer material	6	2	1	2	11	72,73
15335 - Fabricação de calçados de material sintético	27	7	5	7	46	73,91
15394 - Fabricação de calçados de materiais não especificados anteriormente	66	17	7	0	90	92,22
15408 - Fabricação de partes para calçados, de qualquer material	326	95	25	0	446	94,39
20916 - Fabricação de adesivos e selantes	10	0	2	0	12	83,33
22196 - Fabricação de artefatos de borracha não especificados anteriormente	51	15	7	0	73	90,41
28640 - Fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, do couro e de calçados	100	12	1	0	113	99,12
Total – Geral	2.796	662	176	26	3.660	94,48

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS –MTE (2010).

Novamente, a exemplo do já observado na Tabela 19, é a classe 15319 - Fabricação de calçados de couro que mais se destaca em termos de representatividade dos estabelecimentos considerando todos os portes. Mais da metade dos 3.660 estabelecimentos do arranjo (65,05%) estão localizados nessa classe, o que comprova a importância da fabricação de calçados de couro na estrutura produtiva do APL calçadista Sinos-Paranhana.

A segunda posição é ocupada pela classe 15408 - Fabricação de partes para calçados, de qualquer material, com 446 estabelecimentos, distribuídos em micro, pequenas e médias empresas, um patamar muito inferior ao observado na Fabricação de calçados de couro. Já a classe 15335 – Fabricação de calçados de material sintético sobressai-se por reunir sete dos 26 estabelecimentos de grande porte do APL, um número relativamente elevado considerando o total de 46 estabelecimentos da classe como um todo.

As Tabelas 21 e 22 apresentam informações sobre emprego e estabelecimentos, segundo as principais classes de atividades relacionadas ao setor calçadista, nos principais municípios do APL Sinos-Paranhana. São seis municípios principais considerando as duas variáveis: Novo Hamburgo, Sapiranga,

Parobé, Campo Bom, Igrejinha e Três Coroas, que alternam posições. Já o sétimo é diferente: Nova Hartz no *ranking* do número de empregos e Estância Velha no *ranking* do número de estabelecimentos.

Novo Hamburgo e Sapiranga são os principais municípios, responsáveis pela geração de 42,19% dos empregos formais das atividades do setor calçadista do APL em 2010 e sede de 35,22% dos estabelecimentos. São também os únicos municípios em que todas as classes estão presentes, com maior ou menor intensidade. Novo Hamburgo sedia 28 estabelecimentos de médio porte e três grandes, além de mais de 800 micro e pequenas empresas. Com esse conjunto de estabelecimentos, o município absorve 16,3% dos empregos formais do arranjo. As classes de atividades preponderantes são a fabricação de calçados de couro, a fabricação de partes para calçados, de qualquer material e o curtimento e outras preparações de couro. Já Sapiranga abriga 21 empresas médias e três grandes, além de cerca de 430 micro e pequenas empresas, e absorve 9,81% dos empregos gerados no arranjo, especialmente no âmbito das grandes empresas. Sua produção calçadista está em larga medida vinculada à produção de calçados de couro, de modo que essa classe, juntamente com a fabricação de partes para calçados, é dominante.

Novamente é possível observar a numerosa presença dos empregos e estabelecimentos na classe 15319 - Fabricação de calçados de couro e na classe 15408 - Fabricação de partes para calçados, de qualquer material em todos os municípios selecionados, e em empresas de todos os portes. Dentre as atividades correlatas, tem-se a Fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, do couro e de calçados (28640) que, segundo a literatura, atende essencialmente as duas últimas nessa região, está concentrada em dois municípios: Novo Hamburgo, em primeiro lugar, e Campo Bom, em segundo, em micro e pequenas empresas.

No caso da Tabela 21 chama a atenção a baixa participação percentual do emprego no total das classes referentes ao curtimento e preparações de couro (15106 e 15297). De fato, um número expressivo de empregos deixou de ser incluído porque boa parte dos estabelecimentos fabricantes desses produtos não se localizarem nos municípios selecionados pelo critério número de empregados. Na Tabela 22, com a inclusão de Estância Velha, município onde se localiza um número significativo de curtumes e empresas produtoras de artigos de couro, em substituição a Nova Hartz, tem-se uma melhor representatividade dessas classes.

Tabela 21

Distribuição do emprego segundo as principais classes de atividade relacionadas ao setor calçadista em municípios selecionados do APL Sinos-Paranhana, RS – 2010

Classe CNAE 2.0	Novo Hamburgo	Sapiranga	Parobé	Campo Bom	Igrejinha	Três Coroas	Nova Hartz	Subtotal	Part. % no total da classe
15106 - Curtimento e outras preparações de couro	2.037	23	0	307	271	166	0	2.804	31,37
15211 – Fabric. artigos p/ viagem, bolsas e semelhantes de qq material	906	41	16	214	25	0	0	1.202	67,45
15297 – Fabric.de artefatos de couro não especificados anteriormente	226	237	0	78	87	17	7	652	35,36
15319 – Fabric.de calçados de couro	5.431	9.752	9.493	5.188	5.541	4.681	5.603	45.689	72,29
15327 – Fabric.de tênis de qualquer material	958	97	0	13	0	0	0	1.068	41,30
15335 – Fabric.de calçados de material sintético	1.646	948	316	0	1.709	1.281	74	5.974	79,75
15394 – Fabric.de calçados de material não especificado anteriormente	368	226	15	612	3	196	47	1.467	60,62
15408 – Fabric.de partes p/ calçados, de qualquer material	3.413	1.311	232	1.501	415	1.155	200	8.227	83,71
20916 – Fabric.de adesivos e selantes	25	9	0	574	0	0	0	608	97,28
22196 – Fabric.de artefatos de borracha não especificado anteriormente.	1.035	12	0	47	15	0	20	1.129	39,09
28640 – Fabric.de máquinas e equipos p/ indústrias do vestuário, do couro e de calçados	681	100	4	205	61	0	11	1.062	92,75
Total – Geral	16.726	12.756	10.076	8.739	8.127	7.496	5.962	69.882	68,01

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS –MTE (2010).

A Tabela 22 mostra o total de estabelecimentos por tamanho de empresa nos municípios e classes de atividades do arranjo produtivo calçadista Sinos-Paranhana. Novo Hamburgo, Sapiranga, Igrejinha, Campo Bom, Três Coroas, Parobé e Estância Velha juntos possuem 2.827 estabelecimentos (77,24% do total).

Novamente a classe 15319 – Fabricação de calçados de couro é a mais numerosa. São 2.361 estabelecimentos, preponderantemente microempresas, pulverizadas por todos os municípios do arranjo, mas que estão mais concentradas nos sete municípios acima relacionados. Também a fabricação de partes para calçados (classe 15408) está relativamente bem representada nestes sete municípios (83,41%).

Tabela 22

Distribuição dos estabelecimentos segundo as principais classes de atividade relacionadas ao setor calçadista em municípios selecionados do APL Sinos-Paranhana, RS – 2010

Classe CNAE 2.0	Novo Hamburgo	Sapiranga	Igrejinha	Campo Bom	Três Coroas	Parobé	Estancia Velha	Subtotal	Part. % no total da classe
15106 - Curtimento e outras preparações de couro	47	1	3	9	1	0	53	114	69,94
15211 – Fabric. artigos p/ viagem, bolsas e semelhantes de qq material	94	6	5	26	1	3	28	163	82,32
15297 – Fabric.de artefatos de couro não especificados anteriormente	34	7	5	8	2	0	19	75	59,06
15319 – Fabric.de calçados de couro	421	336	294	219	227	272	68	1.837	77,15
15327 – Fabric.de tênis de qualquer material	6	1	0	1	0	0	0	8	72,73
15335 – Fabric.de calçados de material sintético	9	9	4	0	7	10	0	39	84,78
15394 – Fabric.de calçados de material não especificado anteriormente	20	4	2	12	22	3	6	69	76,67
15408 – Fabric.de partes p/ calçados, de qualquer material	107	73	45	41	73	26	7	372	83,41
20916 – Fabric.de adesivos e selantes	4	1	0	3	0	0	1	9	75,00
22196 – Fabric.de artefatos de borracha não especificado anteriormente.	35	2	1	1	0	1	1	41	56,16
28640 – Fabric.de máquinas e equipos p/ indústrias do vestuário, do couro e de calçados	60	12	4	19	0	2	3	100	88,50
Total – Geral	837	452	363	339	333	317	186	2.827	77,24

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS –MTE (2010).

Em suma, a análise das tabelas da distribuição do emprego e dos estabelecimentos por classes e por município permite observar que: 1) a fabricação de calçados de couro é a classe de atividade mais importante, presente em todos os municípios e representativa em termos de empregos formais gerados e de número de estabelecimentos; 2) a fabricação de partes para calçados de qualquer material também está relativamente pulverizada por toda a aglomeração; 3) a atividade curtidora é forte em alguns municípios, mas inexistente em muitos outros; 4) ganha espaço a fabricação de calçados de material sintético; 5) Novo Hamburgo, Sapiranga, Campo Bom, Igrejinha, Três Coroas e Parobé são os principais municípios do arranjo produtivo; 6) a contribuição mais significativa para a geração de empregos advém do segmento dos estabelecimentos de médio porte (33,57%); 7) a grande maioria dos estabelecimentos do aglomerado produtivo calçadista Sinos-Paranhana é formada por microempresas: 76,39% e, se for acrescentada a participação das empresas de pequeno porte, a percentagem sobe para 94,48%.

O avanço da fabricação de calçados sintéticos intensificou-se nos últimos anos (Tabela 23). O ganho de participação no número de empregos entre 2006 e 2010 superou cinco pontos percentuais, passando de 2,77% para 8,56%. Esse ganho juntamente com o observado na fabricação de partes de calçados compensou a perda de representatividade da fabricação de calçados utilizando a matéria prima

couro, sugerindo uma modificação na composição produtiva do APL. Essa mudança também parece estar ocorrendo na distribuição dos estabelecimentos, embora em menor intensidade.

Tabela 23
Emprego e estabelecimentos por tipo de calçado no APL calçadista Sinos-Paranhana, RS - 2006 e 2010

Tipo de Calçado	Empregos				Estabelecimentos			
	2006		2010		2006		2010	
	Número	Particip. %	Número	Particip. %	Número	Particip. %	Número	Particip. %
Couro	69.020	82,40	63.201	72,21	2.195	81,27	2.381	80,06
Tênis de qualquer material	2.255	2,69	2.586	2,95	17	0,63	11	0,37
Material sintético	2.317	2,77	7.491	8,56	17	0,63	46	1,55
Outros materiais	4.494	5,37	2.420	2,76	97	3,59	90	3,03
Sub Total	78.086	93,23	77.698	88,77	2.326	86,12	2.528	85,00
Partes de qualquer material	5.673	6,77	9.828	11,23	375	13,88	446	15,00
Total	83.759	100,00	87.526	100,00	2.701	100,00	2.974	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS-MTE (2010).

Complementando as informações existentes sobre o arranjo produtivo, agora sobre a qualificação da mão de obra, tem-se o grau de escolaridade dos trabalhadores. Na Tabela 24, apresenta-se a distribuição dos ocupados por nível de instrução nas diversas classes de atividade da indústria calçadista. De imediato, observa-se a elevada incidência de trabalhadores com ensino fundamental incompleto, pois representam 44,54% dos ocupados. Essa incidência é menor em algumas atividades que não são as específicas do setor calçadista, em especial as de fabricação de adesivos e selantes e de fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, do couro e do calçados, onde predomina o ensino médio completo, além de não existirem analfabetos. Por sua vez, a maior incidência de trabalhadores com ensino fundamental incompleto ocorre no curtimento e outras preparações de couro, que também possui a maior participação de analfabetos.

Com ensino fundamental completo tem-se 32,46% dos trabalhadores, com as classes correspondentes à fabricação de calçados situando-se em torno dessa média e destaque de participação para a fabricação de artigos para viagem, bolsas e semelhantes de qualquer material e fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente. Já a faixa de participação do ensino médio completo cai para percentuais bem menores, em torno de 22%, uma evolução que acompanha a tendência do grau de instrução da população em geral.

Um fato até certo ponto preocupante é a reduzida presença de profissionais com formação superior completa, e, mais ainda, com mestrado e doutorado. Existiam apenas seis mestres/doutores nessa indústria em 2010, um na área de curtimento e outras preparações de couro e cinco na fabricação de calçados de couro. Com curso superior completo, destacou-se a elevada participação da fabricação de adesivos e selantes, com 17,60% (110 dos 625 ocupados estavam nessa condição). Das demais classes, a fabricação de artefatos de borracha não especificados anteriormente possuía 86 profissionais graduados (2,98%) e a fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, do couro e de calçados 32 (2,79%), os demais não chegaram a uma participação de 2%. No caso específico das classes fabricantes de calçados, observou-se uma maior incidência de graduados na fabricação de tênis de qualquer material.

Tabela 24

Distribuição percentual do grau de escolaridade dos trabalhadores do APL calçadista
Sinos-Paranhana – 2010

Classes CNAE/ Nível de Instrução	(%)						Total
	Analfa betos	Ensino Fund. Incompleto	Ensino Fund. Completo	Ensino Médio Completo	Ensino. Sup. Completo	Mestr e Dout.	
15106 - Curtimento e outras preparações de couro	0,55	50,10	27,77	20,14	1,44	0,01	100,00
15211 - Artigos para viagem, bolsas e semelhantes de qualquer material	0,00	29,69	40,57	29,07	0,67	0,00	100,00
15297 - Artefatos de couro não especificados anteriormente	0,27	34,33	40,73	23,59	1,08	0,00	100,00
15319 - Fabricação de calçados de couro	0,20	45,57	32,93	20,41	0,87	0,01	100,00
15327 - Fabricação de tênis de qualquer material	0,12	44,86	27,38	26,14	1,51	0,00	100,00
15335 - Fabricação de calçados de material sintético	0,13	47,03	30,29	21,21	1,33	0,00	100,00
15394 - Fabricação de calçados de materiais não especificados anteriormente	0,08	40,45	37,93	21,03	0,50	0,00	100,00
15408 - Fabricação de partes para calçados, de qualquer material	0,12	45,57	34,92	18,95	0,44	0,00	100,00
20916 - Fabricação de adesivos e selantes	0,00	10,56	24,32	47,52	17,60	0,00	100,00
22196 - Fabricação de artefatos de borracha não especificados anteriormente	0,17	30,99	24,79	41,07	2,98	0,00	100,00
28640 - Fabricação de máquinas e equipamentos p/ as indústrias do vestuário, do couro e de calçados	0,00	19,39	33,71	44,10	2,79	0,00	100,00
Total	0,21	44,54	32,46	21,68	1,11	0,01	100,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS -MTE (2010).

O nível de instrução é um dos fatores que influi no salário médio pago aos trabalhadores. Na Tabela 25, são apresentados os valores pagos aos mesmos, por classes de atividades, na indústria de calçados, buscando fazer uma comparação entre os Coredes, arranjo produtivo, Rio Grande do Sul e Brasil, em 2010.

Algumas constatações iniciais relevantes dão conta que: 1) os salários pagos nesta indústria são menores do que a média da indústria de transformação, em praticamente todos os locais selecionados; 2) as médias dos salários pagos nas classes fabricantes de calçados são menores que os pagos naquelas relacionadas ao curtimento e fabricação de artigos de viagem, bolsas e artefatos de couro; 3) os salários pagos no Corede Vale do Rio dos Sinos são superiores àqueles pagos no Corede Paranhana-Encosta da Serra, com exceção de uma classe; 4) os salários pagos no APL são 18,44% mais elevados, em média, do que os pagos no Rio Grande do Sul e no Brasil, nas respectivas classes; 5) o salário médio mais elevado pago no APL ocorre na classe Curtimento e outras preparações de couro: R\$ 1.333,99, e o mais baixo, na classe Fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente (R\$ 922,15).

Tabela 25
Salário médio recebido pelos trabalhadores na indústria calçadista no APL calçadista Sinos-Paranhana, nos Coredes no Rio Grande do Sul e no Brasil, segundo as classes de atividade - 2010

Classes CNAE 2.0	Corede Vale do Rio dos Sinos	Corede Paranhana-Encosta da Serra	APL calçadista Sinos-Paranhana (1)	Rio Grande do Sul	Brasil
15106 - Curtimento e outras preparações de couro	1.347,68	1.243,49	1.333,99	1.233,06	1.121,55
15211 - Fabricação de artigos para viagem, bolsas e semelhantes de qualquer material	1.001,35	862,43	999,76	951,91	849,25
15297 - Fabricação de artefatos de couro não especificados anteriormente	900,24	1.019,83	922,15	887,19	847,14
15319 - Fabricação de calçados de couro	1.034,25	1.015,74	1.034,49	972,00	877,82
15327 - Fabricação de tênis de qualquer material	1.223,29	0,00	1.130,64	1.006,06	815,91
15335 - Fabricação de calçados de material sintético	1.059,38	1.039,73	1.046,73	1.097,46	855,32
15394 - Fabricação de calçados de materiais não especificados anteriormente	955,49	907,62	963,17	930,71	823,80
15408 - Fabricação de partes para calçados, de qualquer material	935,72	932,64	934,67	904,67	846,92
Total das classes	1.059,81	1.020,11	1.050,75	1.003,38	887,14
Calçados e suas partes	1.022,58	1.011,42	1.024,98	981,66	864,23
Couros, artigos de viagem e artefatos de couro	1.225,43	1.192,38	1.226,15	1.130,85	999,19
Indústria de Transformação	1.517,11	1.041,29	1.223,78	1.497,38	1.691,65

FONTE DOS DADOS BRUTOS: RAIS -MTE (2010).

NOTA: O salário mínimo, em 2010, era de R\$ 510,00.

(1) Inclui os Municípios de Picada Café e Nova Petrópolis.

4.3 Inserção do APL no mercado internacional: exportações e importações

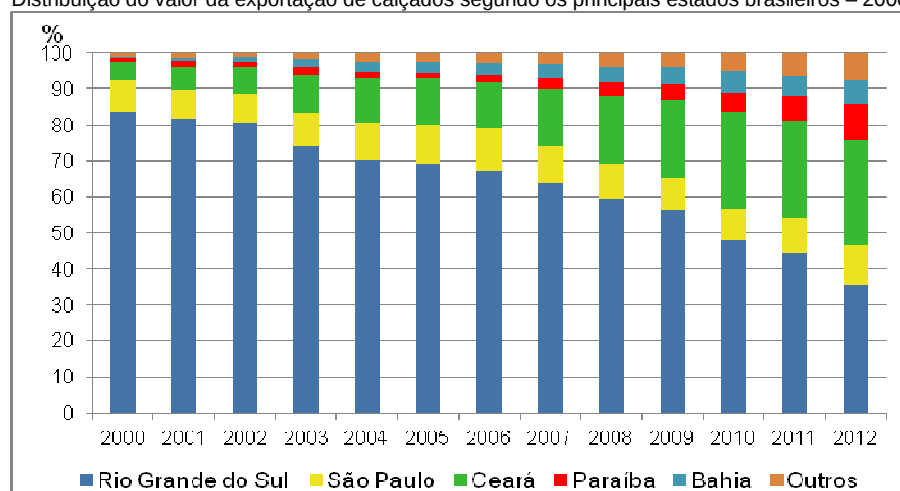
Nesta seção, será analisado o desempenho das exportações e importações de calçados no APL, no Rio Grande do Sul e no Brasil.

Embora a exportação de calçados no Brasil continuasse sendo realizada primordialmente pelas regiões produtoras originais durante os anos 2000, os estados do Nordeste, notadamente Ceará e Bahia, começaram a destacar-se como produtores e exportadores na segunda metade da década. Esse aspecto reflete o conhecido e documentado fenômeno do deslocamento territorial de plantas da região sul e sudeste para esses estados a partir de meados da década de 1990, atraídas pelos menores custos de mão de obra e subsídios fiscais estaduais e federais, conforme já comentado anteriormente neste relatório. O deslocamento da produção sugere que diversas empresas da indústria calçadista possuem a capacidade de se realocar no território e explorar vantagens de custo locais.

As Figuras 12 e 13 mostram a distribuição das exportações de calçados segundo os principais estados exportadores, em termos de valor e de volume (pares). A principal constatação é o crescimento da participação dos estados do Nordeste na exportação nacional frente à queda da representatividade do Rio Grande do Sul, considerando ambas as variáveis. São Paulo diferencia-se por praticamente manter a sua posição no caso da distribuição do valor, mas apresentar perdas substanciais nas vendas externas em termos físicos.

De 2000 a 2012, a participação gaúcha no valor das exportações brasileiras de calçados caiu 45 pontos percentuais e a do Ceará, Bahia e Paraíba, em conjunto, cresceu 40 pontos percentuais.(Figura 12)

Figura 12
Distribuição do valor da exportação de calçados segundo os principais estados brasileiros – 2000-12



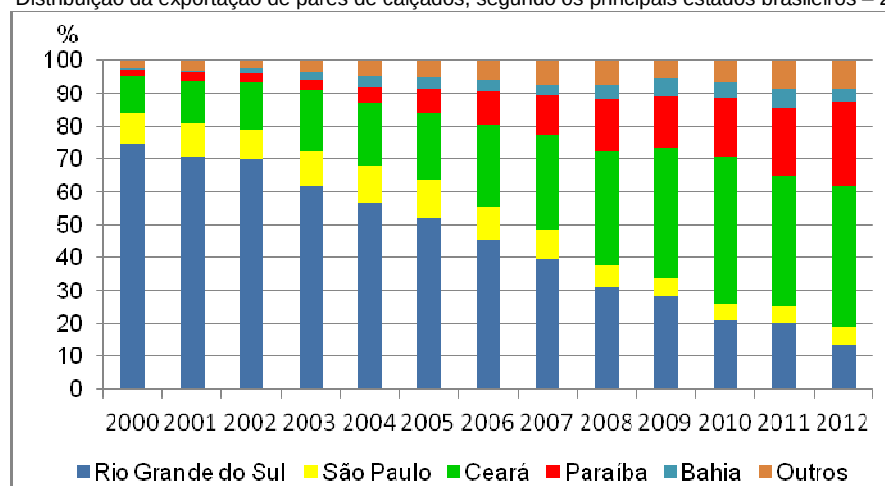
FONTE: MDIC/Aliceweb2.

A análise da Figura 12 permite observar que a perda de participação do Rio Grande do Sul se acelera a partir de meados da década de 2000, coincidindo com a valorização do real, que reduziu a competitividade do calçado brasileiro, e com o avanço dos produtos chineses. A concorrência com os produtos vindos da China e outros países asiáticos ocorre tanto nos mercados tradicionalmente ocupados pelo calçado gaúcho quanto no próprio mercado doméstico, haja vista a facilidade de importação. Além disso, os últimos três anos do período mostram uma aceleração da perda de participação, provocada pelos desdobramentos da crise nos mercados compradores europeu e norte-americano e também pelas dificuldades pelas quais vem passando a Argentina, o principal destino dos calçados gaúchos na América do Sul.

A distribuição da exportação de calçados em termos de volume (pares) apresenta uma evolução semelhante em grandes linhas, mas com intensidades diferentes. Comparando com a distribuição do valor da exportação (Figura 12), a queda na participação do Rio Grande do Sul na exportação de pares de calçados no período 2000-2012 visualizada na Figura 13 foi bem mais acentuada (61 pontos percentuais), e integralmente compensada pelo aumento da representatividade dos principais estados exportadores da região Nordeste (Ceará, Paraíba e Bahia). Sobressai o crescimento das exportações do Ceará e da Paraíba,

especialmente no ultimo quinquênio, em decorrência do aumento na produção das plantas industriais, em larga medida de grande porte, lá instaladas.

Figura 13
Distribuição da exportação de pares de calçados, segundo os principais estados brasileiros – 2000-12



FONTE: MDIC/Aliceweb2.

O comportamento da distribuição das exportações de calçados de 2000 a 2012 reflete a evolução das séries de dados em termos monetários e físicos (Tabela 26). De imediato, observa-se a tendência decrescente as exportações do Rio Grande do Sul em contraposição à tendência crescente das vendas externas do Ceará. O desempenho exportador dos calçados brasileiros também é declinante, mas em proporções sensivelmente menores, influenciado pelos movimentos contrastantes dos estados do Sul e do Nordeste.

No caso do Rio Grande do Sul, houve uma enorme diminuição tanto no valor das exportações de calçados quanto no número de pares exportados ao longo do período analisado, que representou uma variação percentual acumulada de, respectivamente, -70,19% e de - 87,28%. Em 2000, esse estado exportou o equivalente a US\$ 1.293 milhões e, em 2012, apenas US\$ 385 milhões. A queda do número de pares exportados foi ainda maior, caindo de 121 milhões para 15 milhões de pares. Já o Ceará registrou uma evolução percentual acumulada positiva no mesmo período, passando de uma exportação de US\$ 81 milhões em 2000 para US\$ 320 milhões em 2012, um crescimento de quase 300%. Em termos de número de pares embarcados, o aumento foi um pouco menor, mas ainda assim muito expressivo: 162,28%.

Pela análise dos dados da Tabela 26 observa-se que o Rio Grande do Sul continua sendo o principal estado exportador de calçados em termos de valor, mas perdeu a sua posição de liderança para o Ceará quando se considera a exportação em volume de pares a partir de 2008, quatro anos depois de se instalar uma sequencia de retrocessos nos volumes embarcados para o exterior. Em termos de valor, a diminuição acentuou-se a partir de 2008 atingindo marcas pouco superiores às do Ceará, o segundo colocado no *ranking* dos estados exportadores de calçados no Brasil, quando os fortes investimentos em inovação e canais de comercialização com vistas à agregação de valor ao produto exportado que vinham sendo efetuados por vários fabricantes nacionais e, principalmente, gaúchos, conseguiram compensar os impactos

da crise financeira internacional e o aumento da concorrência internacional nos mercados compradores de calçados brasileiros.

Tabela 26
Valor das exportações e número de pares exportados de calçados no Rio Grande do Sul, Ceará e no Brasil
- 2000-2012

Anos	Rio Grande do Sul		Ceará		Brasil	
	US\$ mil	Mil pares	US\$ mil	Mil pares	US\$ mil	Mil pares
2000	1.292.775	121.377	81.096	18.485	1.547.305	162.585
2001	1.318.313	121.210	106.432	22.224	1.617.202	171.330
2002	1.166.624	114.737	110.753	23.627	1.450.974	164.143
2003	1.149.408	116.873	167.229	35.763	1.552.074	188.952
2004	1.274.483	119.894	186.124	40.365	1.814.012	212.460
2005	1.310.342	98.892	204.844	38.669	1.891.559	189.672
2006	1.256.911	81.841	237.866	45.422	1.863.119	180.435
2007	1.215.224	69.814	299.880	51.712	1.911.750	177.052
2008	1.117.804	51.479	346.273	57.317	1.881.308	165.792
2009	765.803	35.553	294.330	49.763	1.360.016	126.576
2010	712.273	30.007	400.552	63.930	1.486.988	142.952
2011	577.308	22.586	351.579	45.119	1.296.218	112.967
2012	385.416	15.433	319.748	48.482	1.092.934	113.274
Var. % acumulada	-70,19	-87,28	294,28	162,28	-29,37	-30,33

FONTE: MDIC/Aliceweb2.

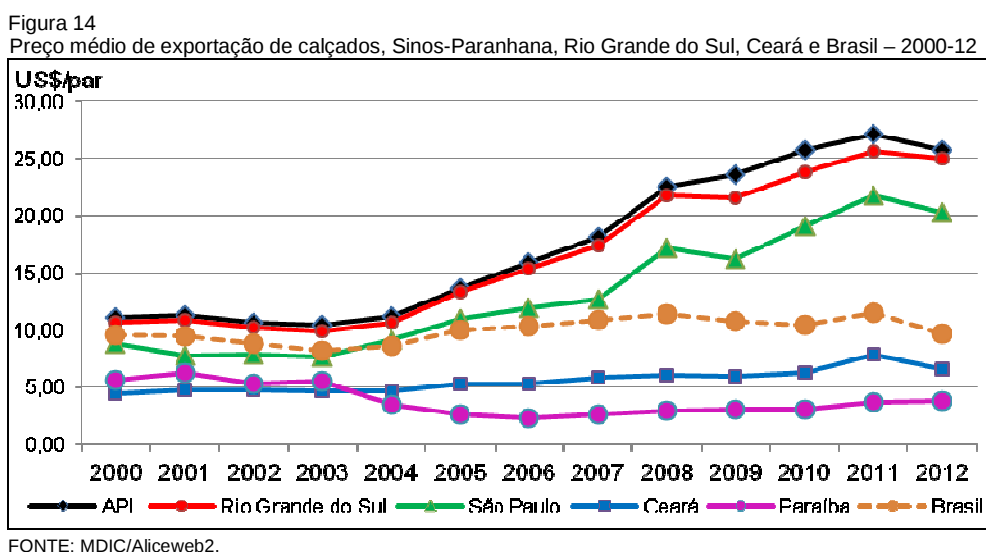
A perda de espaço especialmente no segmento de calçados de preços mais baixos, acarretou a diminuição nas quantidades exportadas e os atores das aglomerações produtivas passaram a buscar alternativas para recompor a sua rentabilidade, entre elas, a elevação do preço médio de exportação e a busca de novos mercados. Assim, a diversificação de mercados, principalmente segmentos de produtos de moda, cujos calçados possuem maior qualidade e preço, e os esforços de fabricação de maior valor agregado abriram novos nichos de mercado para o calçado gaúcho e sustentaram o desempenho das exportações locais de calçados durante a segunda metade da década de 2000, enquanto se reduzia a venda externa em volume¹⁸.

A maior parte dos segmentos produtivos da cadeia coureiro-calçadista têm apostado na inovação como forma de compensar a perda de rentabilidade advinda da diminuição do valor das exportações. As empresas do segmento de componentes para couro, calçados e artefatos vem intensificando ações voltadas ao *design* e à sustentabilidade, buscando soluções criativas para se diferenciar no mercado, agregando valor (qualidade e tecnologia) aos seus produtos. A importância da inovação tecnológica nesse segmento tem sido ressaltada na literatura, com destaque para as empresas da indústria química, da produção de polímeros, plásticos e borrachas e metalúrgicas. Cabe ressaltar-se aqui o duplo papel desempenhado pela indústria de componentes nos últimos anos: “ao mesmo tempo em que abastece os fabricantes de calçados com os acessórios e componentes necessários para a produção dos vários modelos e linhas de produtos

¹⁸ “Para fugir da concorrência asiática, os fabricantes brasileiros e, especialmente os gaúchos, intensificaram a busca de novos mercados e do aumento das vendas para mercados já explorados e, mais importante, passaram a agregar valor ao calçado nacional e a buscar novos canais de comercialização que permitissem firmar a marca da empresa. Em consequência foram reduzidas as vendas para os EUA e para a Argentina e aumentadas substancialmente as vendas para outros países latino-americanos e, sobretudo, para os países europeus” (CASTILHOS; CALANDRO; CAMPOS, 2010, p. 13).

desenvolvidos [...] também investe em desenvolvimento de produto e de processo, transferindo inovação para a indústria calçadista” (CALANDRO; CASTILHOS; CAMPOS, 2010, p. 13).. Na atualidade, ganha espaço a exploração de novos materiais para o desenvolvimento de produtos que tenham apelo ecológico e de conforto. Nesse sentido, uma gama enorme de produtos naturais (sementes, fibras naturais, etc.) vem sendo incorporada ao produto final, construindo a imagem de um produto original, vinculado ao local.

A análise do diferencial de preço médio de exportação de calçados por estado adiciona mais elementos para o entendimento dos diferentes resultados obtidos em nível regional. (Figura 14).



O preço médio das exportações brasileiras variou pouco ao longo do período 2000-2012, situando-se em torno de US\$ 10,00 o par, mas as variações entre os principais estados exportadores foram expressivas. As maiores variações ocorreram no preço médio de exportação de calçados do APL Sinos-Paranhana, do Estado do Rio Grande do Sul e do Estado de São Paulo a partir de 2004, como pode ser visualizado na Figura 14. Nesses casos, a elevação do preço médio incorpora os resultados dos esforços de agregação de valor ao produto, com investimentos em diferenciação do produto, estilo e *design*, possibilitando a sua comercialização em nichos de mercado de preços mais elevados. No APL Sinos-Paranhana, o preço médio cresceu de US\$ 11,04 em 2000 para US\$ 25,76 em 2012. Constatase inclusive o esforço adicional efetuado pelas empresas do APL a partir da segunda metade dos anos 2000 que lhe renderam um acréscimo de cerca de US\$ 2,00 no preço médio de exportação nos anos de 2009, 2010 e 2011. Já no caso do Ceará e Paraíba, a comercialização continua sendo realizada primordialmente nas faixas de preço mais baixo – média de US\$ 6,60 e US\$ 3,73 no período –, onde a agregação de valor ao bem final é mais reduzida. É importante salientar, contudo, o avanço registrado no preço médio de exportação do calçado cearense nos últimos três anos da série, também revelando esforços de agregação de valor ao produto.

A busca pela elevação da participação em nichos de maior valor agregado e em mercados com potencial de crescimento empreendida pelos fabricantes gaúchos, em especial do APL calçadista Sinos-

Paranhana, representou um avanço frente ao regime de subcontratação, onde o importador trazia a marca e o modelo do sapato a ser produzido sob encomenda, o modelo de comercialização dominante no APL até então.

Os resultados das ações dos produtores com vista à diversificação e ampliação de mercados podem ser melhor percebidas na análise das exportações de calçados por destino. (Tabela 27). Os Estados Unidos despontam historicamente como o principal mercado comprador de calçados produzidos no APL Sinos-Paranhana, embora devam ser destacadas as acentuadas perdas ocorridas nesse mercado ao longo do período 2000-2012. As compras passaram de cerca de US\$ 700 milhões e 60 milhões de pares anuais em 2000 para US\$ 65 milhões e 1,7 milhões de pares em 2012. Em termos de participação relativa, a posição ocupada pelos Estados Unidos passou de 68,5% em 2000 para 18,9% em 2012, quando se considera o valor das vendas externas para esse país, e de 65,2% em 2000 para 13,0% em 2012, quando se considera o número de pares embarcado. Outros países como Reino Unido, Itália e Alemanha também apresentaram quedas expressivas em 2012, em decorrência da crise financeira que se alastrou no mercado europeu, após terem mostrado crescimento em 2005.

Tabela 27
Principais países de destino das exportações de calçados do APL Sinos-Paranhana - 2000, 2005 e 2012

Países	2000		Países	2005		Países	2012	
	US\$ 1000	1000 Pares		US\$ 1000	1000 Pares		US\$ 1000	1000 Pares
Estados Unidos	695.193	60.221	Estados Unidos	581.622	39.041	Estados Unidos	65.169	1.677
Reino Unido	84.993	5.571	Reino Unido	132.984	7.216	França	45.479	1.544
Argentina	77.752	9.681	Canadá	35.134	2.615	Argentina	17.926	934
Canadá	24.126	2.216	Itália	34.492	1.840	Rússia	17.376	588
Chile	14.656	1.617	Argentina	30.346	3.317	Reino Unido	17.284	558
Austrália	9.578	835	Espanha	27.246	2.222	Chile	16.682	543
Alemanha	8.892	789	México	19.370	2.103	Bolívia	15.024	759
Bolívia	8.719	1.081	Alemanha	18.900	931	Alemanha	10.947	371
Uruguai	8.065	1.081	Holanda	18.518	837	Itália	10.091	321
Porto Rico	7.529	916	Chile	17.806	1.712	Paraguai	9.537	495
Outros	75.030	8.316	Outros	166.372	16.845	Outros	119.467	5.157
Total Geral	1.014.532	92.324	Total Geral	1.082.790	78.680	Total Geral	344.982	12.948

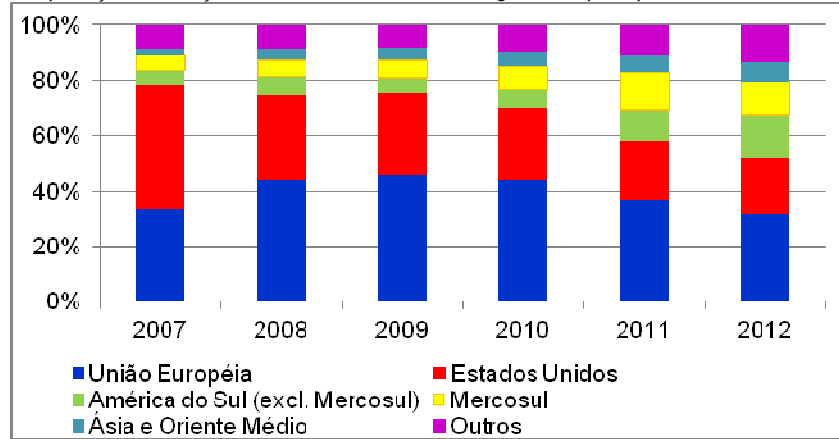
FONTE: MDIC/Aliceweb2.

A desconcentração progressiva dos países de destino das exportações do APL Sinos-Paranhana pode ser percebida na alteração nas participações ao longo do período 2000-2012. Perderam representatividade, além dos Estados Unidos, o Reino Unido e a Argentina, e ganharam importância relativa o Chile, a Bolívia, a Alemanha. A França (país que ocupa a segunda posição em 2012), a Rússia, a Itália e o Paraguai não constavam entre os dez principais destinos em 2000. Também chama a atenção as elevadas marcas da parcela Outros em 2012, fato que vem reforçar a constatação da diversificação de mercados e da desconcentração em termos monetários e físicos. Segundo o site MDIC/aliceweb, o número de países de destino aumentou de 94, em 2000, para 118, em 2012, havendo atingido um máximo de 127 em 2010.

A agregação dos países segundo a região econômica (Figura 15) permite uma melhor avaliação dos resultados da estratégia de diversificação de mercados adotada pelos fabricantes gaúchos de calçados

Figura 15

Distribuição das exportações de calçados do Rio Grande do Sul, segundo os principais destinos – 2007-12



FONTE: MDIC/Aliceweb2.

A diminuição da participação das vendas externas para os Estados Unidos vista nos parágrafos anteriores, na análise das exportações de calçados do APL Sinos-Paranhana que respondem por quase 90% desse comércio em nível estadual, assim como o crescimento e posterior recuo na participação da União Europeia mostra-se logo evidente. A ela, contrapõe-se principalmente a expansão do mercado sul-americano, incluindo o Mercosul, cuja participação cresceu de 10,47% para 27,47% em apenas seis anos. Além disso, destaca-se a expansão das vendas externas para a Ásia e Oriente Médio (4,36 pontos percentuais), e África, Europa do Leste e Oceania (parcela Outros, com ganho de 5,20 pontos percentuais) fato que evidencia a busca por mercados emergentes.

Uma outra informação refere-se ao tipo de calçado exportado pelo APL Sinos-Paranhana, que também é o mesmo do Rio Grande do Sul (Tabela 28). A predominância é de calçados com cabedal de couro, refletindo a estrutura produtiva da região, conforme foi visto no começo deste capítulo. Note-se que a participação relativa dos calçados de couro pouco se alterou no período 2000-2012, apesar da diminuição expressiva do valor das exportações. Outro destaque é o comportamento dos calçados sintéticos – cabedal de material plástico e de borracha – cuja exportação em valores monetários diminuiu apenas 15% e que apresentou ganhos de participação de 9,14 pontos percentuais, especialmente no último biênio.

Tabela 28

Valor e participação percentual das exportações de calçados, por tipo de calçado, no APL Sinos-Paranhana, RS – 2000/2012

Tipo de calçado	2000		2005		2007		2010		2012	
	US\$ milhões	%	US\$ milhões	%	US\$ milhões	%	US\$ milhões	%	US\$ milhões	%
Injetados	0,00	0,00	0,04	0,00	0,03	0,00	0,04	0,01	0,01	0,00
Sintéticos	62,08	6,12	80,64	7,45	92,44	8,87	51,37	8,33	52,64	15,26
De couro	901,45	88,85	956,30	88,32	889,60	85,34	533,14	86,41	270,88	78,52
Material têxtil	45,94	4,53	40,67	3,76	54,25	5,20	31,05	5,03	20,46	5,93
Outros	5,05	0,50	5,15	0,48	6,17	0,59	1,42	0,23	0,99	0,29

FONTE: MDIC/Aliceweb2.

A Tabela 29 que segue reúne informações das exportações de vários segmentos da cadeia produtiva coureiro-calçadista do APL Sinos-Paranhana, segundo os principais municípios, os quais estão apresentados por ordem decrescente de valor do somatório dos diversos segmentos considerados – couros e peles; artigos de viagem, bolsas e artefatos de couro; calçados; partes de calçados - em 2012. Assim, nesse ano, o destaque foi para o município de Novo Hamburgo, seguido de Sapiranga. Em 2007, o primeiro lugar havia sido ocupado por Campo Bom, seguido de Sapiranga e Novo Hamburgo em terceiro lugar. A Tabela também traz os totais dos segmentos para o Rio Grande do Sul e para o Brasil.

Tabela 29

Valor das exportações de couros, artigos para viagem, bolsas e artefatos de couro, calçados e partes de calçados por municípios selecionados do APL Sinos-Paranhana, RS e Brasil – 2007 e 2012

Municípios	2007					2012				
	Couros e peles	Artigos viagem, bolsas e artef. de couro	Calçados	Partes de calçados	Total	Couros e peles	Artigos viagem, bolsas e artef. de couro	Calçados	Partes de calçados	Total
Novo Hamburgo	45.872	2.567	152.709	37.833	238.981	75.129	2.637	48.036	16.693	142.495
Sapiranga	214	1.140	239.019	2.184	242.557	4.217	1.708	61.089	23.961	90.975
Lindolfo Collor	44.562	0	47.724	0	92.286	82.709	4	139	12	82.864
Igrejinha	9.509	52	39.135	407	49.103	21.324	133	50.006	813	72.276
Campo Bom	5.305	1.013	250.841	23.105	280.264	3.384	608	41.799	21.025	66.816
Portão	104.861	3.053	0		107.914	61.390	3.795	0	0	65.185
Dois Irmãos	181	10	156.636	6	156.833	714	166	54.098	32	55.010
São Leopoldo	45.671	723	1.013	153	47.560	48.661	88	992	77	49.818
Três Coroas	16	18	22.421	609	23.064	74	125	28.016	386	28.601
Ivoti	14.268	17	24.346	60	38.690	15.231	1	8.344	1.439	25.015
Parobé	0	32	30.574	5	30.611	242	0	20.962	311	21.515
Estância Velha	39.665	8.072	29.384	133	77.254	9.616	248	5.557	1.340	16.761
Rolante	24		555	0	579	0		12.608	0	12.608
Picada Café	2.392	2	18.131	0	20.525	4.529	1	2.514	3.644	10.688
Nova Hartz	0	5	25.906	0	25.911	0	0	9.393	0	9.393
Demais mun. do APL	0	3	4.085	21	4.108	0	0	1.429	14	1.443
APL Sinos-Paranhana	312.540	16.707	1.042.479	64.515	1.432.132	327.220	9.514	344.982	69.747	751.463
Rio Grande do Sul	566.183	27.443	1.215.224	75.885	1.884.735	416.694	12.887	385.416	134.187	949.184
Brasil	2.230.786	122.429	1.911.750	126.307	4.391.272	2.115.109	65.219	1.092.934	193.540	3.466.802

FONTE: MDIC/Aliceweb2.

No tocante à exportação de couros e peles e suas preparações, os municípios que se destacam são Portão, em 2007, e Novo Hamburgo e Lindolfo Collor, em 2012. Nas vendas externas de artefatos de couro, bolsas e artigos de viagem, o destaque vai para Estância Velha, em 2007, e Portão em 2012. As exportações de calçados, por sua vez, consistem no segmento mais expressivo e são mais bem distribuídas entre os municípios. Ainda assim, alguns podem ser destacados. Em 2007 havia quatro municípios exportadores principais, que juntos responderam por 77% do valor das exportações de calçados do APL: Campo Bom, Sapiranga, Dois Irmãos e Novo Hamburgo. Em 2012, destacaram-se cinco municípios exportadores principais: Sapiranga, Dois Irmão, Igrejinha, Novo Hamburgo e Campo Bom, que juntos somaram 74% das vendas externas de calçados do APL. Um último aspecto a considerar são as exportações de partes de calçados que vem crescendo desde meados dos anos 1990.

Esses percentuais são representativos também quando comparados com os totais do Rio Grande do Sul, tendo em vista a expressiva representatividade do APL Sinos-Paranhana no total da atividade coureiro-calçadista estadual, tanto em termos de produção quanto de exportação.

O real valorizado também impulsionou o aumento das importações, tanto de calçados como de suas partes e/ou componentes, e o setor calçadista nacional ressentiu-se da entrada de volumes crescentes de calçados baratos provenientes da Ásia, principalmente da China. Ocorre que o segmento de consumo de calçados de massa é grande no país, sendo formado preponderantemente por pequenas e médias que empregam elevado contingente de mão-de-obra, e que são muito sensíveis a essa concorrência no mercado interno. O preço médio de importação no Rio Grande do Sul vem caindo nos últimos anos, à medida que se amplia a participação asiática na composição das compras externas. Em 2007, ele atingia US\$ 5,91 o par, enquanto o preço médio de exportação foi de US\$ 17,41. Em 2012, ele já estava em US\$ 2,95. Estes preços distanciam-se substancialmente daqueles praticados nas relações comerciais com países como a Itália, tradicional fabricante de calçados com elevado valor agregado. No APL esses valores são um maiores, praticamente o dobro (US\$ 5,59 em 2012), mas ainda são muito inferiores aos praticados em nível de Brasil, onde vêm crescendo nos últimos anos e atingiram o preço médio de US\$ 14,27 em 2012.

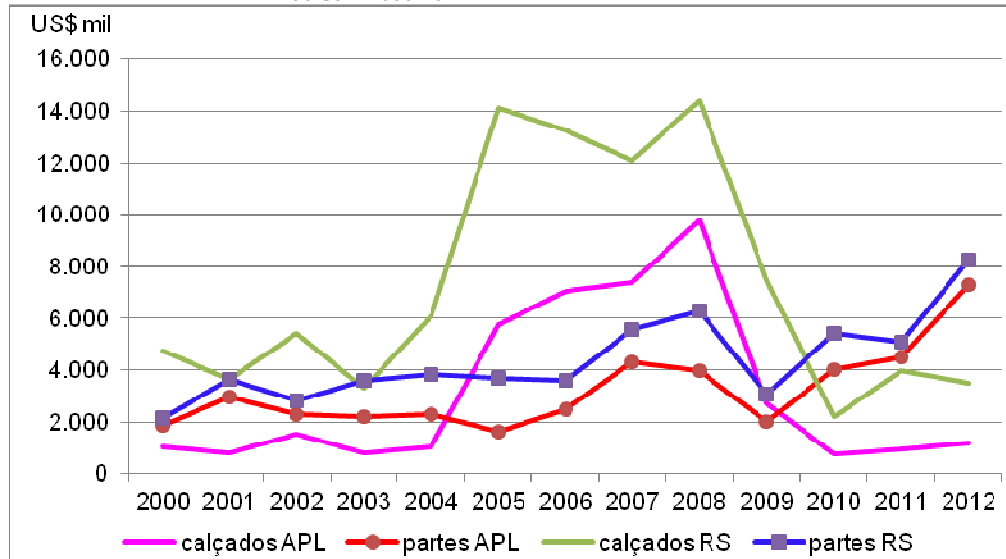
Além disso, no APL Sinos-Paranhana, as importações de calçados equivalem a uma fração muito pequena das exportações, havendo somado US\$ 1.165,8 mil em 2012, praticamente o mesmo montante importado no início dos anos 2000. Em meados da década, os níveis de importação foram muito mais elevados, havendo atingido o máximo de US\$ 8.789,4 mil em 2008. Em volume foram importados 1.408,4 mil pares naquele ano, contra 208,4 mil em 2012.

Em termos de composição das compras externas tem-se uma clara preponderância de calçados de material sintético e têxtil que incluem modelos esportivos como tênis - mais baratos e de procedência asiática, ultimamente, Vietnã e China. A composição das importações sofreu alterações substanciais nos últimos anos, por conta da intensificação da China como importante *player* mundial.

Um último aspecto a comentar refere-se à evolução da importação das partes de calçados. Nos últimos anos observa-se uma elevação nas compras externas dessas mercadorias paralelamente à redução na importação do calçado. (Figura 16). Uma das explicações comumente dadas para este movimento é que

ele estaria refletindo, em grande medida, as medidas *anti-dumping* que vem sendo adotadas pelo governo brasileiro contra a entrada dos produtos chineses no mercado brasileiro.

Figura 16
Valor da importação de calçados e partes de calçados no APL Sinos-Paranhana e no Rio Grande do Sul - 2000-2012



FONTE: MDIC/Aliceweb2.

5 Instituições de apoio e de ensino no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Corede Paranhana-Encosta da Serra

Nesta seção serão apresentadas as instituições de apoio e ensino existentes no Corede Vale do Rio dos Sinos e no Corede Paranhana-Encosta da Serra, destacando-se as principais ações empreendidas para o melhor desenvolvimento dessa atividade.

Nesses Coredes está localizado o principal aglomerado de empresas fabricantes de calçados e artigos de couro, bem como agentes institucionais que atuam em diferentes fases da cadeia produtiva. A constituição e consolidação da ampla rede de empresas, incluindo fabricantes, prestadores de serviços e instituições de apoio deve-se, em larga medida, ao próprio processo de colonização dessa região baseada na migração alemã e no estabelecimento de laços econômicos e culturais que viabilizaram a formação de redes de cooperação envolvendo os diversos agentes.

O Quadro 1 apresenta as organizações de representação presente no Vale do Rio dos Sinos. Essas instituições foram criadas para atender aos interesses e às necessidades das várias empresas que, ao longo do tempo, foram inserindo-se nos diferentes estágios da cadeia produtiva de couros e calçados. (VARGAS; ALIEVE, 2000). Como se vê na figura, a maioria dessas organizações foi criada após a década de 1970 quando um número expressivo de empresas passou a buscar o mercado internacional; meta para a qual necessitavam de apoio nas áreas produtiva, tecnológica e comercial.

Quadro 1

Organizações de representação instaladas no Vale do Rio dos Sinos – 2000

Organização	Segmento de representação	Ano de fundação
Associação Comercial e Industrial de Novo Hamburgo	Todo o arranjo produtivo	1920
Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados)	calçadista	1983
Associação Brasileira de Exportadores de Calçados e Afins (Abaex)	Empresas calçadistas exportadoras	1986
Associação das indústrias de Curtumes do Rio Grande do Sul (AICSUL)	Empresas de curtimento e acabamento	1978/9
Sindicato Interestadual da Indústria de Máquinas (Sindimaq) – (atualmente seus membros estão associados à Abrameq.	Empresas fabricantes de máquinas e equipamentos para o complexo coureiro-calçadista	1978/9
Associação das Indústrias de Componentes de Calçados (Assintecal)	Empresas fabricantes de componentes para a indústria de calçados	1983
Associação Brasileira de Técnicos de Calçados (ABTC)	Representação trabalhista	1985
Associação Brasileira de Estilistas de Calçados e Afins (ABECA)	Representação trabalhista	1990

FONTE: Vargas e Alievi (2000, p. 6).

Entre as organizações presente no APL o destaque cabe à Associação Brasileira das Indústrias de Calçados (Abicalçados) pelo seu papel na defesa dos interesses do setor calçadista, atuando como interlocutor das empresas com os representantes das três esferas de governo.

A Abicalçados, sediada em Novo Hamburgo/RS, foi fundada em abril de 1983 e tem como objetivo representar a indústria calçadista nacional. Faz parte de suas atribuições a defesa comercial e a busca de melhores condições competitivas para a indústria nacional. Ao todo, a Abicalçados tem 113 empresas cadastradas.

Uma das mais importantes ações empreendidas pela Abicalçados vem sendo realizada desde o ano de 2000 no âmbito do Programa Brazilian Footwear, em parceria com a Apex-Brasil. Esse programa consiste no apoio à participação em eventos internacional, tais como feiras e showrooms, à realização de missões de prospecção de novos mercados no exterior e “[...] convida importadores e formadores de opinião para conhecerem o Brasil”. (ABICALÇADOS, 2013).

Outras projetos em andamento merecem destaque: Programa Origem Sustentável (em associação com a Assintecal); Seminário Nacional das Indústrias de Calçados (SNIC); Sistema Integrado de Gestão Abicalçados (SIGA); Sistema de Inteligência Competitiva da Cadeia Produtiva de Couro, Calçados e Artefatos (Siscompete); sistema de Operações Logísticas Automatizadas e Talk Shoe. Outro projeto, implantando em fevereiro deste ano, e que merece destaque é o de Capacitação de Unidades Indústrias de Fornecimento.

O Instituto Brasileiro do Couro, Calçados e Afins (IBTeC) tem origem no Centro Tecnológico de Calçados e afins (CTCCA), que foi criado em 1972, como uma instituição sem fins lucrativos, por um grupo de empresas das áreas de calçados e artefatos, curtumes, máquinas e equipamentos, serviços e componentes. Esse grupo buscava a qualificação da mão de obra e melhoria na qualidade dos produtos para atender às exigências dos compradores internacionais, em um momento de crescimento das exportações brasileiras de calçados. Hoje o CTCCA passou a se denominar Instituto, e passou a se constituir no mais completo complexo de laboratórios de pesquisa e ensaio do sistema coureiro-calçadista nacional.

O Instituto Brasileiro de Tecnologia do Couro, Calçado e Artefatos (IBTeC) “é uma instituição autossustentável e sem fins lucrativos,” e presta serviços para empresas de vários setores. Além dos serviços de consultoria para a eliminação de gargalos produtivos, o instituto atua, ainda, no desenvolvimento de sistemas inovadores, na elaboração de Normas Técnicas e na emissão do Selo Conforto e na qualificação do canal de distribuição ao consumidor final. Em 2008, o instituto passou a ser Certificado pelo ISSO 90001.

O IBTeC conta com um quadro de profissionais qualificados com formação variadas: pós-doutores, doutores, mestres e técnicos, os quais auxiliam no aporte tecnológico e científico para toda a cadeia produtiva de couro e calçado. Realizam trabalhos de avaliações de biomecânica, análise de substâncias restritivas, ensaios de biodegradabilidade e testes físico-mecânicos em materiais e produtos acabados. Outra área de atuação são pesquisas voltadas para as inovações tecnológicas que agreguem valor ao produto e viabilize aumento da competitividade dos produtos de seus associados.

Além de treinamento, essas empresas prestam serviços tecnológicos, tais como análises químicas em materiais e testes físico-mecânicos para couro e calçados. A Fundação Escola Técnica Liberato S. V. da Cunha realiza cursos de química e mecânica.

No que se refere à infraestrutura tecnológica, o aglomerado de empresas conta com duas instituições para o apoio e capacitação dos integrantes da cadeia produtiva coureiro-calçadista: O IBTEC e o SENAI.

A Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couro, Calçados e Artefatos (Assintecal) é uma entidade sem fins lucrativos cujas ações direcionam-se à promoção do setor de componentes para couro e calçados. Contando com mais de 320 associados em todo o País, essa entidade “[...] tem como objetivo principal mobilizar a cadeia produtiva, visando o incremento da competitividade, a busca pela inovação e o desenvolvimento de seus associados, refletindo na evolução do setor como um todo” (ASSINTECAL, 2013). Nas diversas ações empreendidas para o desenvolvimento do setor, as quais envolvem a abertura de novos mercados, a incorporação e difusão de novos conhecimentos e informações relativos à *design* e tecnologia, captação de recursos, entre outros objetivos, a Assintecal estabelece relações de parceria com o Sebrae, a Apex-Brasil, a ABDI, os sindicatos locais e outras organizações.

Além da articulação dos diversos agentes na defesa do interesse dos associados, a entidade fornece orientação sobre linhas de crédito disponíveis no mercado e elaboração de projetos a serem encaminhados às instituições financeiras. Tipos de financiamento: exportação, capital de giro, bens de capital, inovação, cartão BNDES e FINEP.

Para treinamento e capacitação dos associados, a Assintecal organiza eventos tais como cursos, fórum de inspirações, seminários, projeto comprador e, além disso, participa de eventos nacionais e internacionais do setor calçadista. Nesses eventos, a entidade fornece apoio na forma de descontos no valor das feiras, montagem dos stands, *marketing* internacional, divulgação de material, selo *by* Brasil, entre outras formas de auxílio ao associado.

Um segundo grupo de organizações constitui a Infraestrutura educacional e tecnológica do APL. O treinamento e formação de mão de obra, na região do aglomerado, é realizado por escolas de calçados e

curtimento vinculadas ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), como se pode ver no Quadro 2.

Quadro 2

Infraestrutura educacional e tecnológica

Instituições	Atividades	Município
Escola de Calçado Ildelfonso Simões Lopes	Centro Tecnológico do Calçado – SENAI	Novo Hamburgo
Escola de Curtimento	Centro Tecnológico do Couro – SENAI	Estância Velha
Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha	Ensino Técnico – química e mecânica	Novo Hamburgo
Unisinós	Cursos universitários	São Leopoldo
Feevale	Cursos universitários	Novo Hamburgo

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Vargas e Alieve (2000).

Além das instituições privadas de apoio às empresas da cadeia coureiro-calçadista, o governo do estado do Rio Grande do Sul, através da Secretaria de Desenvolvimento e Promoção do Investimento (SDPI) e da Agência Gaúcha de Desenvolvimento e Promoção do Investimento (AGDI), braço operacional da SDPI, vem apoiando o desenvolvimento dessa cadeia setorial, no âmbito da Política Industrial de Desenvolvimento Econômico do RS. Os Programas Setoriais (Eixo I da Política) tem como meta fortalecer o desenvolvimento de diferentes indústrias, tanto aquelas pertencentes à chamada Nova Economia como também as integrantes da Economia tradicional, como é o caso da indústria calçadista. As medidas contemplam os fatores responsáveis pela competitividade regional e setorial, com destaque para a inovação e a tecnologia, que com o acirramento da concorrência e um novo conjunto de tecnologias adquiriu papel fundamental no padrão de concorrência de inúmeros setores industriais.

No âmbito do governo federal destaca-se o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) e o Plano Brasil Maior, criado em 2011, buscando a melhoria da competitividade industrial, mediante o apoio ao desenvolvimento tecnológico e a inovação de 19 setores, entre eles o coureiro-calçadista. Entre os objetivos estabelecidos no plano destacam-se o adensamento das cadeias de valor, a ampliação dos mercados e a criação de empregos de melhor qualidade. O Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) também criado pelo Governo Federal, em 2011, com o objetivo de ampliar a oferta de cursos de educação profissional e tecnológica, em junho de 2013 passou a fazer parte do Plano Brasil Maior, e está promovendo um amplo programa de capacitação para requalificar os trabalhadores e qualificar trabalhadores da construção civil.

Com o novo formato, as entidades representativas do setor passaram a participar do levantamento das demandas e da elaboração do conteúdo dos cursos a serem ministrados.

No âmbito deste programa, a Abicalçados promoveu em julho deste ano, uma reunião de alinhamento da cadeia produtiva do setor calçadista para a definição das demandas de formação e qualificação profissional do Pronatec, um dos três maiores problemas do setor.

5.1 Algumas medidas implementadas para o setor:

a) Governo estadual:

Data	Medida	Vigência
Decreto Estadual nº 54.498, de 22/07/2013; complementado em 26/07/2013 com a inclusão do setor calçadista a partir de 1/8/2013	Redução de ICMS de 18 setores industriais – redução de alíquota de 17% para 12% do ICMS sobre a aquisição de insumos industriais (para estimular a indústria gaúcha). Inicialmente foram beneficiados 16 setores; posteriormente incluiu-se mais dois segmentos, inclusive setor calçadista.	Sem prazo de vigência

b) Governo Federal:

Legislação	Medida	Vigência
Medida Provisória nº 540/2011	Reintegra (Reintegração de Valores Tributários para empresas exportadoras) – programa de incentivos às exportações – devolve 3% do faturamento total das exportações para a ind. exportadora	De dez. 2011 a 3/6/2013
<u>Medida Provisória nº 601/2012</u>	Estendeu o benefício a vários ramos varejistas os quais passaram a contribuir para a Previdência Social na razão de 1% do seu faturamento ajustado.	A partir de 01.04.2013
Medida Provisória nº 610/2013	Prorroga o prazo de vigência do Reintegra	De 4/6/2013 a 31/12/2013
Medida Provisória nº 610/2013	Desoneração dos salários diversos setores, incluindo o comércio calçadista, deixam de recolher a contribuição previdenciária de 20% sobre a folhas de pagamento e passam a recolher até 2% sobre o faturamento.	Sem prazo de vigência
Decreto 8.058/2013; substitui o Decreto 1.602/1995	Regulamenta as investigações de <i>antidumping</i> no Brasil, brasileiro. O novo decreto procurou dar maior transparência às regras e reduzir os custos de participação das partes no processo.	Sem prazo de vigência

FONTE: Abicalçados (2013).

6 Conclusões

A produção de calçados no RS teve início nos municípios do Corede Vale do Rio dos Sinos. Posteriormente, especialmente nos anos 1970 com o *boom* exportador, surgiram novos fabricantes, tanto em espaços contíguos (municípios do Corede Paranhana-Encosta da Serra; e em Nova Petrópolis e em Picada Café) quanto em municípios mais distantes desse pólo inicial. Com preços competitivos e a habilidade na fabricação de calçados, as empresas integrantes do aglomerado foram se especializando na fabricação de calçados femininos de couro, realizada sob encomenda seja de lojas atacadistas e/ou varejistas, sobretudo norte-americanas, seja por grandes *tradings*, à medida que o mercado externo ganhava importância para esses fabricantes.

Outro momento de movimentação geográfica dentro do País ocorreu nos anos 1990 provocado pelo crescimento exponencial da produção e das exportações chinesas que retiraram fabricantes brasileiros de mercados externos tradicionais e passaram a ocupar parcelas crescentes do mercado doméstico. A crise desencadeada no setor coureiro-calçadista com o “furação” chinês se aprofundou a partir de 2004, com o movimento de valorização do real e com a crise financeira internacional de 2008, com reflexos abrangentes sobre o conjunto de municípios que compõem a aglomeração produtiva de calçado nessa região.

Nesse ambiente de incertezas e de acirramento da concorrência, uma série de medidas foi sendo adotada, ao longo dessa década e, sobretudo, nos primeiros anos da década de 2010, tanto em nível de governo (políticas *antidumping*, desonerações tributárias, por exemplo), como pelas empresas (busca de outros mercados no exterior, aumento do valor agregado do produto, novos canais de comercialização, aumento das vendas no mercado doméstico). A implementação dessas estratégias vem conseguindo evitar uma redução ainda maior do “tamanho” do APL calçadista Sinos-Paranhana, ocasionado pelas sucessivas quedas nas exportações, parcialmente cobertas por aumento das vendas no mercado interno, e de certa forma, amenizar em parte os efeitos econômicos e sociais sobre a região do APL.

A região compreendida pelo APL Sinos-Paranhana-Encosta da Serra, abriga 14% do total da população do Estado e é essencialmente urbana. Essa concentração é explicada, até o final do século XX, pela elevada participação da atividade coureiro-calçadista na formação do PIB dos municípios que compunham os dois Coredes que formam o APL. Já na primeira década do século XXI, contudo, passou a se observar quedas expressivas de participação dessa atividade; as maiores perdas ocorreram nos municípios onde a estrutura industrial é concentrada nessa atividade, e onde se encontra o maior número de trabalhadores e o maior número de estabelecimentos da cadeia produtiva do calçado: Campo Bom, Dois Irmãos, Estância Velha, Ivoti, Nova Hartz, Novo Hamburgo, Sapiranga e Parobé.

Os municípios mais citados nas análises sobre a crise da indústria calçadista gaúcha são Dois Irmãos e Parobé frequentemente. Fortemente dependentes da atividade calçadista, esses municípios enfrentaram graves problemas em decorrência da crise no setor e seus componentes, que resultaram em expressivas perdas de participação no PIB nominal do Corede e também no PIB do Rio Grande do Sul.

A análise da evolução do PIB na década de 2000 permite destacar dois comportamentos. Em primeiro lugar, a alteração na estrutura setorial dos dois Coredes como a perda de representatividade da indústria no PIB, sobretudo da atividade coureiro-calçadista, em favor do setor serviços em ambos os Coredes, replicando neles um comportamento que já vinha acontecendo em nível da economia estadual. No Consinos, a indústria começa com 44,5% em 2000 e chega em 2010 com 36,6%, enquanto o setor serviços eleva sua participação de 55,3% para 63,1%. A participação da agropecuária é inexpressiva, não alcançando 1% do PIB. No Coredepes, a estrutura setorial é semelhante em grandes linhas, mas a agropecuária é mais representativa, 3,8% em média no período. Indústria e serviços iniciam a década de 2000 com o mesmo percentual de 48%, mas evoluem de modo bastante diferente, de tal forma que, em 2010, o setor industrial representa 40,9% e o setor serviços alcança 55,8%.

Em segundo lugar, destaca-se a relativa diversificação produtiva observada, sobretudo, em municípios do Corede Vale do Rio dos Sinos. Um exemplo disso são os investimentos em diversificação produtiva, particularmente no setor moveleiro, realizados em Dois Irmãos, os quais provavelmente estão possibilitando uma recuperação do PIB do município. A análise da evolução do PIB industrial mostrou que, no final da década, já se observavam sinais de recuperação do PIB industrial, tanto pela recuperação do setor coureiro-calçadista quanto expansão da economia beneficiada pelas tentativas de diversificação da estrutura industrial realizadas por diversos municípios da região, com vista a reduzir sua dependência econômica de uma única atividade.

Embora a atividade da cadeia produtiva coureiro-calçadista possa ser encontrada em praticamente todos os municípios do Consinos e do Corepedes, a análise dos dados de distribuição do emprego e dos estabelecimentos por classes e por municípios mostra a predominância na região estudada da fabricação de calçados de couro. A fabricação de partes para calçados de qualquer material também pode ser encontrada em toda a região; já a atividade curtidora está concentrada nos municípios de Novo Hamburgo, Sapiranga, Campo Bom, Igrejinha, Três Coroas e Parobé. A fabricação de tênis, de pouca monta no RS, está concentrada praticamente em uma grande empresa sediada no município de Picada Café; um volume menor de produção pode ser encontrado em Novo Hamburgo.

Predomina no aglomerado de empresas estabelecimentos de menor porte, porém, é nítida a existência de um conjunto de municípios que atuam junto ao núcleo central do APL e que sobressaem tanto em termos de emprego gerados (cerca de 63% do total) quanto de estabelecimentos (72,2% do total). São eles: Novo Hamburgo, Sapiranga, Parobé, Campo Bom, Igrejinha e Três Coroas.

O comportamento da produção, avaliado pelo número de empregos e de estabelecimentos, mostra que houve uma redução na participação de calçados de couro em favor do aumento dos calçados de material sintético, no total produzido no APL Sinos-Paranhana, no período analisado. O destaque cabe aos municípios de Novo Hamburgo e Sapiranga, que além de empresas de pequeno porte, contam ainda com um número expressivo de empresas de maior porte: 28 e 21, de médio porte, respectivamente. Ambos municípios sediam 3 grandes estabelecimentos.

O maior nível de escolaridade encontra-se nas atividades que envolvem alguma complexidade tecnológica, como é o caso da fabricação de máquinas e equipamentos para as indústrias do vestuário, couro e do calçados, onde prevalece o ensino médio completo.

Em decorrência da baixa intensidade tecnológica e da quase inexistência de barreiras à entrada, a cadeia produtiva coureiro-calçadista paga salários inferiores ao da média da indústria de transformação, em todos os locais selecionados. Tal fato concorre diretamente para o crescente desinteresse dos jovens por essa atividade, tornando-se um importante gargalo para o setor, fato comprovado pela baixa demanda por cursos profissionalizantes fornecidos pelo SENAI.

Outras evidências encontradas na análise dos dados mostram que os salários pagos nas classes fabricantes de calçados são menores que os pagos naquelas relacionadas ao curtimento e fabricação de artigos de viagem e artefatos de couro; o que pode ser explicado pelo maior valor agregado e requisitos de *design* envolvidos na fabricação desses últimos produtos. No Corede do Vale do Rio dos Sinos os salários pagos são superiores aqueles pagos no Corede Paranhana-Encosta da Serra, porém no conjunto, os dois aglomerados de empresas pagam salários 18,44 % mais elevados, em média, do que os pagos no restante do estado e no Brasil, nas respectivas classes.

Uma especificidade dessa atividade tanto no APL quanto no País é o elevado percentual de vendas para o mercado externo, conforme destacado no início destas conclusões.

O comportamento das exportações de calçados no Brasil nos anos compreendidos entre 2000 e 2012 reflete os efeitos da crise e das alterações na condução da política econômica ocorridas no período. Embora os tradicionais estados exportadores continuassem a comandar as vendas para o mercado externo,

os estados do Nordeste, notadamente Ceará e Bahia, passaram a se destacar como tanto como produtores quanto como exportadores na segunda metade da década. O resultado desse movimento de realocação da produção foi o crescimento da participação daqueles estados na exportação nacional, tanto em valores quanto em número de pares, paralelamente a uma queda da representatividade do Rio Grande do Sul; no período analisado, a participação gaúcha no valor das exportações brasileiras de calçados caiu 45 pontos percentuais e a do Ceará, Bahia e Paraíba, em conjunto, cresceu 40 pontos percentuais. A perda de participação foi mais acelerada nos últimos três anos da série analisada provocada pelos desdobramentos da crise nos mercados compradores europeu e norte-americano e também pelas dificuldades enfrentadas pela Argentina, o principal destino dos calçados gaúchos na América do Sul.

O estado de São Paulo, tradicional fabricante de calçados, diferencia-se por praticamente manter a sua posição no caso da distribuição do valor. Porém em termos de volume (número de pares) as vendas externas desses fabricantes mostram perdas substanciais.

Na análise da composição das exportações de calçados do APL Sinos-Paranhana é nítida a influência dos eventos externos e dos internos sobre o desempenho das vendas externas bem como a resposta do calçadista gaúcho ao novo ambiente concorrencial. Desde de meados dos anos 1990, primeiro em um movimento restrito a poucos fabricantes e, posteriormente com alcance maior, as empresas do aglomerado passaram a buscar uma nova forma de inserção internacional, a qual envolve a intensificação dos esforços de diversificação e ampliação do mercado externo. Para tanto, os calçadistas realizaram investimentos em produtos de maior valor agregado, fabricados *com design* próprio e em produtos de moda, e em novos canais de comercialização, como por exemplo, lojas da própria marca. O mercado interno que ao longo da década ampliou sua importância para os calçadistas gaúchos ganhou espaço destacado nas estratégias desses fabricantes após a crise financeira de 2008.

Em que pese os bons resultados alcançados por esse esforço de reestruturação, o APL Sinos-Paranhana vem registrando quedas sucessivas no total de pares vendidos no exterior ao longo do período em análise. Em termos de valor, no entanto, as perdas são menores refletindo o aumento no preço médio do calçado comercializado e o Rio Grande do Sul continua liderando a pauta de exportações, porém, a partir de 2008, com marcas pouco superiores às do Ceará, o segundo colocado no *ranking* dos estados exportadores de calçados no Brasil. Tal resultado reflete o esforço de reestruturação e busca de novos nichos de mercado; com a perda de espaço especialmente no segmento de calçados de preços mais baixos, os atores do APL procuraram recompor sua rentabilidade através da diversificação de mercados, principalmente segmentos de produtos de moda. Como esses calçados possuem maior qualidade e melhor preço, foi possível ao fabricante gaúcho sustentar o desempenho das exportações locais de calçados durante a segunda metade da década de 2000, enquanto se reduzia a venda externa em volume.

A intensificação da concorrência tem direcionado os esforços da maior parte dos segmentos produtivos da cadeia coureiro-calçadista do APL Sinos-Paranhana para o desenvolvimento e incorporação de inovações; tanto as empresas do segmento de componentes para couro, calçados e artefatos, quanto às demais pertencentes à cadeia: indústria química, produção de polímeros, plásticos e borrachas e metalúrgicas. Cabe ressaltar-se aqui o duplo papel desempenhado pela indústria de componentes nos

últimos anos: fornecedor de acessórios e componentes e o de inovador, papel que exerce quando assume a exploração de novos materiais e o desenvolvimento de novos produtos.

O preço médio das exportações brasileiras variou pouco ao longo do período 2000-2012, situando-se em torno de US\$ 10,00 o par, mas as variações entre os principais estados exportadores foram expressivas. No caso do APL Sinos-Paranhana, o tipo de calçado, feminino de couro, e os esforços realizados para agregação de valor, possibilitaram expressivas elevações do preço médio a partir de 2004 que passou de US\$ 11,04, em 2000 para US\$ 25,76, em 2012. É importante salientar, contudo, o aumento no preço médio de exportação do calçado cearense nos últimos três anos da série, o que reflete esforços de agregação de valor ao produto.

Em termos de destino destaca-se a progressiva desconcentração das exportações do APL Sinos-Paranhana e a distribuição mais uniforme entre os diversos compradores. Os Estados Unidos continuam a ser o principal comprador dos calçados gaúchos, embora com uma participação bem menor no ano de 2012, tanto em termos de valor quanto de número de pares exportados: 18,9% e 13,0% contra 68,5% e 65,2%, no ano de 2000, respectivamente. Alguns países da Europa, atingidos pela crise financeira também reduziram sua participação; Reino Unido, Itália e Alemanha. Ganharam importância relativa o Chile, a Bolívia, a Alemanha.

Por fim, é necessário ressaltar que o desempenho da produção e da exportação do APL Sinos-Paranhana é reflexo da própria estrutura produtiva dessa indústria, baseada na produção de calçados e artefatos de couro. Ou seja, o perfil de produtos pouco se alterou ao longo da série analisada. Uma evidência do predomínio desse tipo de calçados pode ser encontrada na análise da pauta exportadora do RS a qual mostra que ao longo do período 2000-2012, a participação relativa dos calçados de couro pouco, apesar da diminuição expressiva do valor das exportações, mantendo-se quase sempre acima de 80% do valor total exportado de calçados pelas empresas do APL. Outro destaque é o comportamento dos calçados sintéticos – cabedal de material plástico e de borracha – cuja exportação em valores monetários diminuiu apenas 15% e que apresentou ganhos de participação de 9,14 pontos percentuais, especialmente no último biênio. Esse segmento de produto também vem aumentando a participação na produção de empresas do APL Sinos-Paranhana, tornando-se uma alternativa para os fabricantes calçadistas.

Em resumo as empresas do APL realizaram um amplo esforço de alteração e modernização de suas estruturas produtivas, tipos de produtos e canais de comercialização, adotando práticas de internalização e/ou descentralização de fases e/ou plantas produtivas, investiram em marcas e lojas próprias, sempre buscando agregar valor aos seus produtos; algumas empresas sendo melhor sucedidas do que outras. Conseguiram com isso aumentar o preço médio dos calçados e conquistar importantes nichos de mercado, o que tem assegurado ao país um terceiro posto, em termos de valor, no mercado internacional de calçados. Porém importantes gargalos ainda necessitam ser enfrentados, como por exemplo, a falta de mão de obra em várias etapas do processo produtivo.

Em pese esses esforços, porém, a análise do cenário internacional parece indicar que dificilmente o APL retomará os níveis de exportação observado na década de 1980 devido às próprias características dessa indústria – intensiva em mão de obra e baixas barreiras à entrada – o que tem levado ao

deslocamento da produção e ao surgimento de novos países produtores. Em vista das dificuldades colocadas pela própria atividade, dos efeitos ainda presentes da crise financeira de 2008, e das dificuldades constantes e renovadas de negociação com a Argentina, a diversificação da produção constatada em vários municípios do APL Sinos-Paranhana, ao longo desta análise, vem ganhando importância como estratégia de desenvolvimento da região. Ou seja, paralelamente à reorganização e reorientação da atividade coureiro-calçadista coloca-se como decisão estratégica o desenvolvimento de novas atividades produtivas na região.

Referências

- ABICALÇADOS. **Histórico**. Novo Hamburgo-RS: Associação Brasileira das Indústrias de Calçados, 2013. Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br/site/abicalcados.php?id=5>>. Acesso em: 25 abr. 2013.
- ABICALÇADOS. **Resenha Estatística 2001**. Novo Hamburgo-RS: Associação Brasileira das Indústrias de Calçados, 2001.
- ANDRADE, José E. Pessoa de; CORRÊA, Abidack R. Panorama da indústria mundial de calçados, com ênfase na América Latina. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 13, p. 95-126, mar. 2001.
- CONSELHO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO PARANHANA-ENCOSTA DA SERRA – COREDEPES. **Plano Estratégico de Desenvolvimento Regional 2011-2020**. Organizado por Paulo Roberto de Aguiar Von Mengden. Taquara: Coredepes, 2010.141 p.
- CONSELHO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO VALE DO RIO DOS SINOS - CONSINOS. **Plano Estratégico Regional do Vale do Rio dos Sinos – RS/Brasil**. Organizado por Judite Sanson de Bem. Canoas: UniLasalle, 2010.118 p. Disponível em: <<http://www.unilasalle.edu.br/canoas/assets/upload/PLANEJAMENTOESTRATEGICOREGIONALDOVALEDORIODOSINOS2010.pdf>>. Acesso em: maio 2013.
- COSTA, Achyles Barcelos da. Mercados e padrões de competição na indústria de calçados. In: TIGRE, Paulo Bastos; PIO, Marcello José (Orgs.) **Setor de calçados: competitividade, mudança tecnológica e organizacional**. Brasília: SENAI/DN, 2007, p. 15-38. (Série Estudos Setoriais, 8).
- COSTA, Achyles Barcellos. Organização industrial e competitividade da indústria de calçados brasileira. **Revista Análise Econômica**. Porto Alegre, ano 20, n. 38, p. 45-66, 2002. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/AnaliseEconomica/article/view/10692/6320>>. Acesso em: 8 abr. 2013.
- GUIDOLIN, Sílvia Maria; COSTA, Ana Cristina R. da; ROCHA, Érico R. P. da. Indústria calçadista e estratégias de fortalecimento da competitividade. **BNDES Setorial**, 31, p. 147-184, mar. 2010. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/bnset/set3104.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2013.
- INSTITUTO DE ESTUDOS E MARKETING INDUSTRIAL – IEMI. **Brasil Calçados 2012** - Relatório setorial da indústria de calçados no Brasil. São Paulo: IEMI/Abicalçados, 2012. 124 p.
- LAGEMANN, Eugenio. O setor coureiro-calçadista na história do Rio Grande do Sul. **Ensaio FEE**, Porto Alegre, ano 7, n. 2, p. 69-82, 1986.
- ORSSATTO, Renato J. A influência dos modos de racionalidade na estruturação das indústrias calçadistas de Novo Hamburgo. In: FENSTERSEIFER, Jaime E. (Org.). **O complexo calçadista em perspectiva: tecnologia e competitividade**. Porto Alegre: Ortiz, 1995. P. 247-280.
- REIS, Carlos Nelson dos. **A indústria brasileira de calçados: inserção internacional e dinâmica interna nos anos 80**. Campinas. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, 1994. 247 p.
- SCHNEIDER, Sergio. O mercado de trabalho da indústria coureiro-calçadista do Rio Grande do Sul: formação histórica e desenvolvimento. In: COSTA, Achyles B. da; PASSOS, Maria Cristina (Orgs.). **Indústria de calçados no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: EdUnisinos, 2004. p. 25-49.
- VARGAS, Marco A.; ALIEVI, Rejane M. **Arranjo produtivo coureiro-calçadista do Vale dos Sinos/RS**. Rio de Janeiro: IE/UFRJ, 2000. 14 p. (Nota Técnica n. 19).